

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

JANE SILVA DOS ANJOS

**AS PREPOSIÇÕES DESDE E DESDE DE NO PORTUGUÊS POPULAR E CULTO
DEVITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA
2018**

JANE SILVA DOS ANJOS

**AS PREPOSIÇÕES DESDE E DESDE DE NO PORTUGUÊS CULTO E POPULAR
DEVITÓRIA DA CONQUISTA - BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientador: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

Anjos, Jane Silva dos.

A619p As preposições **desde** e **desde de** no português popular e culto de Vitória da Conquista - Ba. / Jane Silva dos Anjos, 2018. 79f.

Orientador (a): Dr. Jorge Augusto Alves da Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2018.

Inclui referência F. 74-79.

1. Preposição - Funcionalismo. 2. Sociolinguística. 3. Preposição – desde e desde de. 4. Sócio-História – Língua Portuguesa. I. Silva, Jorge Augusto Alves da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 469.709

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The prepositions desde and desde de the popular Portuguese and cult of Vitoria da Conquista – BA

Palavras-chave em inglês: Desde. Functionalism. Socio-History. Sociolinguistic.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva (Presidente-Orientador); Profa. Dra. Valéria Viana Sousa (UESB); Profa. Dra. Gessilene Silveira Kantahack (UESC)

Data da defesa: 16 de março de 2018

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

JANE SILVA DOS ANJOS

**AS PREPOSIÇÕES DESDE E DESDE DE NO PORTUGUÊS CULTO E POPULAR
DEVITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 16 de março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva
(Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Valéria Viana Sousa
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack
Instituição: UESC

Ass.: 

Para
Seu Jaime, meu painho,
e Dona Cida, minha mainha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter sido tão generoso e amoroso comigo, ter me guiado pela mão, e colocado em minha vida pessoas tão maravilhosas.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, um ser de luz, cuja chama da sabedoria iluminou meus passos. Quando me senti perdida na jornada, me direcionou por caminhos menos tortuosos, aprendi na prática o significado de ser orientada. Obrigada pelas palavras de carinho, pelos questionamentos que me ajudaram a refletir sobre meus estudos! Serei eternamente grata a ti!

À Profa. Dra. Valéria Viana Sousa, membro titular da banca de qualificação e defesa, por ter me auxiliado por diversas vezes, sempre respondendo minhas indagações, demonstrando preocupação. Sempre será um exemplo para mim! Obrigada pelo amor e carinho!

À Profa. Dra. Gessilene Silveira Kanthack (UESC), por ter disponibilizado tempo para participar da banca de defesa, esforços, e compartilhar comigo seu conhecimento.

Gratidão a todos os professores Doutores do PPGLin, que contribuíram com meu crescimento acadêmico. Em especial, à Profa. Dra. Vera Pacheco, que me auxiliou e me desafiou a estudar Fonologia.

Aos funcionários do PPGLin pela atenção de sempre.

Aos colegas do Grupo Janus, pelo carinho e companheirismo. Durante este processo ganhei uma família acadêmica!

Aos amigos que consegui durante o Mestrado, minhas irmãs de guerra, Elizane, Julinara e Jodalmar, sou grata pelo companheirismo.

Ao meu esposo, Elberto, por tantas vezes ter se sacrificado para me dar a oportunidade de estudar. Grata Amor, pelas palavras, incentivos e orações.

Aos meus pais, meus maiores incentivadores, meus amores, Jaime e Lucinda. Dedico a vocês esta dissertação! Peço perdão pela ausência! Gratidão pelo amor de vocês e por cada sacrifício que fizeram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos, Josias, Joemissom e Jomara, que sempre acreditaram em mim.

Sou grata a minha cunhada, Luana, por me acolher em sua casa e acreditar no meu sonho de ser Mestre.

À minha irmã caçula Jaiane, pela parceria e pelas inúmeras vezes que digitou meus textos enquanto eu trabalhava.

Aos meus sobrinhos, Jaqueline, Josias, Geovana, que iluminaram meu dia com seus sorrisos. E aos sobrinhos, mesmo distantes, Jonata e Jeniffer, pelas mensagens de carinho.

Ao meu pequeno João Pedro, pela inocência de criança que me acalenta a todo momento.

À minha amiga, Maristela, que me incentivou a buscar o título e acreditou mais em mim do que eu mesma.

À Maria D'Ajuda, que me ajudou e colaborou com os materiais que necessitava.

Aos amigos, colegas do CEI de Veredinha, colegas do Colégio Método, familiares, irmãos em Cristo, incentivadores, alunos, e demais pessoas que passaram por minha vida, que contribuíram com abraços, carinho, palavras de ânimo, que sofreram, choraram, sorriram, e, hoje, comemoram comigo este momento especial. Toda minha gratidão!

O objetivo das boas gramáticas é desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, **desde** o cidadão analfabeto até o escritor laureado (CASTILHO, 2010, p.32).

RESUMO

O tema deste estudo é a preposição **desde** e sua variante **desde de** tomando como *corpora* de investigação duas normas da Língua Portuguesa do Brasil, a saber: o Português Popular e o Português Culto da cidade de Vitória da Conquista– BA. O sentido inicial da preposição **desde** é de espaço com movimento de afastamento, mas, também, indica o sentido de tempo e, por fim, noção. Como ponto peculiar do estudo, trataremos da tríade forma-sentido-função da preposição **desde** e **desde de**. Compreendendo que, através da Sócio-História, seja possível conhecer a história social da Língua Portuguesa por meio do estudo sistemático da preposição **desde** e suas variações, e, para tanto foi realizado o percurso histórico: com as preposições latinas *de* e *ex*, que deram origem a **desde**, até a sua consolidação na língua românica que corresponde à forma como tal conhecemos, **desde**. Como aporte teórico, recorreremos a teoria funcionalista com enfoque no estudo do processo de gramaticalização sofrido pelas preposições **desde** e **desde de**; e à Sociolinguística, na qual nos guiamos pelas abordagens dos aspectos extralinguísticos presentes nos *corpora* e nos princípios da mudança linguística. **Desde** apresenta 12 estruturas distintas no Português Popular e Culto de Vitória da Conquista – BA. Sendo que, no Português Culto, há ocorrências da forma **desde de** e não é produtiva, mas, é uma forma inovadora, pois os jovens não a realizam, porém a estrutura chama atenção por ser uma combinação semelhante ao que ocorreu com a forma românica.

PALAVRAS-CHAVE

Desde. Funcionalismo. Sócio-História. Sociolinguística.

ABSTRACT

The theme of this study is the preposition **desde** and its variant **desde de** taking as *corpora* of investigation two norms of the Portuguese Language of Brazil, namely: Popular Portuguese and Cult Portuguese of the city of Vitória da Conquista. The initial sense of the preposition **desde** is space with moving away, also, indicates the sense of time and finally, notion. As a peculiar point of the study, we shall deal with the form-sense-function triad of the preposition **desde** and **desde de**. Through Socio-History, it is possible to know the social history of the Portuguese Language through the systematic study of the preposition **desde** and its variations, for which the historical course was carried out: with the Latin prepositions *de* and *ex*, which originated from, until its consolidation in the Romance language that corresponds to the way we know it, **desde**. As a theoretical contribution, the functionalist theory focused on the study of the grammaticalization process undergone by the prepositions **desde** and **desde de**. With regard to sociolinguistics, let us focus on the extralinguistic aspects present in the *corpora* and on the principles of linguistic change. **Desde** it presents a constituent structure of 12 distinct of Popular Portuguese and Cult Portuguese of the city of Vitória da Conquista – BA. Being that, in Portuguese Worship there are occurrences of the form **desde de** is an innovative form, because the young do not realize it, however the structure calls attention because it is a combination similar to the one that occurred with the Romanesque form.

KEYWORDS

Desde. Functionalism. Socio-History. Sociolinguistic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Linha do tempo da preposição desde	39
Figura 2 – Percorso evolutivo da preposição desde com exemplos.....	45
Figura 3 – Dinamicidade da preposição desde associada à até	63
Figura 4 – Dinamicidade da preposição desde associada a a	64
Figura 5 – Dinamicidade da preposição desde associada a com	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Estruturas formadas pelo desde nos <i>corpora</i> do Português Popular e Culto	58
Gráfico 2 – Funções da preposição desde nos <i>corpora</i> do Português Popular e Culto.....	61
Gráfico 3 – Divisão desde e desde de nos corpora PPVC e PCVC.....	65
Gráfico 4 – Comparação desde e desde de nos <i>corpora</i> PPVC e PCVC	66
Gráfico 5 – Desde e desde de segundo faixa etária no PPVC e PCVC.....	69
Gráfico 6 – Desde e desde de em relação ao sexo no PPVC e PCVC.....	70

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências do desde e desde de no Português Popular e Culto	65
Tabela 2 – Estruturas do constituinte no PPVC e PCVC	67
Tabela 3 – Comparação desde e desde de referente à função no PPVC e PCVC	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 PREPOSIÇÕES NO TEMPO E NO ESPAÇO	18
2.1 Por um conceito de preposição	19
2.2 O uso das preposições <i>de</i> e <i>ex</i> no latim clássico e no latim vulgar	21
2.2.1 A preposição <i>de</i>	21
2.2.2 A preposição latina “ <i>ex</i> ”	23
2.3 A preposição <i>de</i> e a preposição <i>des</i> (suas variantes) no Galego-Português.....	24
2.4 O surgimento de <i>desde</i> e sua consolidação: uma voz contrária.....	26
2.5 A preposição <i>desde</i> nos dicionários a partir do Século XVIII até o Século XX.....	26
2.6 A preposição <i>desde</i> nas gramáticas normativas	28
2.6.1 <i>Desde: movimento ou extensão com relação a dado ponto no espaço</i>	28
2.6.2 <i>Movimento ou extensão a partir de um determinado tempo</i>	29
2.6.3 <i>Ordem gradativa</i>	29
2.7 A preposição <i>desde</i> na Linguística	30
3 A TEORIA	35
3.1 Sociolinguística	35
3.2 Funcionalismo	41
4 METODOLOGIA.....	47
4.1 Procedimentos Metodológicos	49
4.1.1 <i>Comunidade de fala</i>	50
4.1.2 <i>A coleta de dados e entrevistas</i>	51
4.2 Fatores Linguísticos.....	51
4.2.1 <i>Estrutura do constituinte</i>	52
4.2.2 <i>Função/valor da preposição</i>	53
4.3 Fatores Extralinguísticos	54
4.3.1 <i>Sexo</i>	54
4.3.2 <i>Escolaridade</i>	54
4.3.3 <i>Faixa etária</i>	54
4.3.4 <i>Norma Culta e Popular</i>	55

5 ANÁLISE DOS DADOS	57
5.1 A preposição desde nos <i>corpora</i> em suas diversas formas	58
5.2 O uso do desde e suas funções no falar conquistense	61
5.3 Comparação desde / desde de	65
5.3.1 Estruturas constituintes em desde de vsdesde.....	67
5.3.2 Funções em desde devdesde.....	68
5.3.3 Desde de vsdesde em relação à faixa etária.....	69
5.3.4 Desde de vsdesde em relação ao sexo	69
5.4 Análise dos processos fonológicos	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a preposição **desde** e sua variante **desde de** tomando como *corpora* de investigação duas normas da Língua Portuguesa do Brasil, a saber: o Português Popular e o Português Culto da cidade de Vitória da Conquista– BA, considerando grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação no uso daquelas preposições.

As preposições são palavras invariáveis, ou seja, não sujeitas às flexões verbo-nominais, formadas no interior da Língua Portuguesa ou advindas do Latim as quais atuam como conectores. O sentido inicial da preposição **desde** é de espaço com movimento, também indica o sentido de tempo e, por fim, noção. Como ponto peculiar do estudo, trataremos da tríade forma-sentido-função da preposição **desde** e **desde de** e suas variações menos prestigiadas linguisticamente (**derde** e **desdeu**).

Através da análise realizada é possível conhecer a história social da Língua Portuguesa por meio do estudo sistemático da preposição **desde** e suas variações. Para tanto, nosso principal objetivo é analisar os usos e formas da preposição **desde** em duas variedades do Português: Culto e Popular. E como objetivos específicos buscamos:

- A. Traçar, por meio de uma linha cronológica, a formação do **desde** e **desde de**;
- B. Discutir os valores e usos do **desde** e **desde de**;
- C. Analisar os condicionantes linguísticos e extralinguísticos do uso de **desde** e **desde de** no Vernáculo de Vitória da Conquista;
- D. Comparar os valores atribuídos ao **desde** e **desde de** por duas normas linguísticas.

A pergunta norteadora do trabalho é: Quais valores estão agregados na variação da preposição **desde** em comparação à forma **desde de**? Algumas hipóteses foram criadas com base nesse questionamento: 1. A forma **desde de** é inovadora; 2. A forma **desde de** é usada preferencialmente pelos falantes do Português Popular; 3. A forma inovadora é utilizada pelo público jovem; 4. Diferente da preposição **desde**, que amplia a função original de espaço, a variante **desde de** indica apenas a ideia de tempo.

A dissertação está organizada em 5 seções: a primeira, um percurso cronológico da preposição que indica tempo e espaço; a seção 2 é o aporte teórico; a terceira seção contempla a metodologia utilizada; e, por fim, a última seção compreende a análise dos dados.

Como forma minuciosa de organização da pesquisa, a seção primeira, intitulada “A preposição no tempo e no espaço” resume cronologicamente as preposições latinas que

originaram **desde**, até recentes estudos acerca do tema, e está dividida nas seguintes subseções à luz da abordagem Sócio-Histórica:

1. O uso das preposições no latim clássico, e particularmente com as formas “*de*” e “*ex*” deram origem a nova preposição **desde**;
2. As variantes “*de*” e “*des*” no galego-português;
3. O surgimento do **desde** e sua consolidação nas línguas românicas;
4. Definições em dicionários a partir do século XVIII até o século XX;
5. Como as gramáticas normativas apresentam a preposição **desde**;
6. A visão da Linguística acerca do objeto em questão;
7. E por fim, o surgimento da forma “**desde de**”.

Para esse percurso histórico, elencamos como referencial teórico, os estudos de Nunes (1945), Said Ali (1971), Câmara Jr. (1979), Maia (1986), Houaiss (2001), Macambira (2001), Vilela e Koch (2001), Lima (2003), Castilho (2010), entre outros autores. Apesar das preposições **desde** e **desde de** serem fruto da mudança linguística e produto das transformações sofridas pela sociedade através do tempo, não é tratada de forma específica, e, sim, generalizada dentro dos estudos sobre as preposições, desta maneira, extraímos uma coletânea para base teórica.

As teorias e/ou abordagens consideradas são: Funcionalismo e Sociolinguística. A teoria linguística funcionalista refere-se ao estudo da língua e suas funcionalidades no processo de comunicação, mas essa análise apresentará, especificamente, o processo de gramaticalização sofrido pelas preposições **desde** e **desde de**. No tocante à Sociolinguística, ateremos somente aos aspectos extralinguísticos presente nos *corpora* e aos princípios da mudança linguística.

Para melhor compreensão, utilizamos alguns termos específicos, a exemplo: Português Popular, referimos ao falar de pessoas com nenhuma ou até 5 anos de escolarização. No que corresponde ao Português Culto, é a variedade cujos falantes possuem mais de 11 anos de escolarização. Outro conceito peculiar na análise é forma-sentido-função abordado pelo autor estruturalista Macambira (2001) que explana sobre a importância do estudo da forma, levando em consideração os sentidos contidos nela, e as funções que desempenha para manter esses sentidos, podendo conservar ou não, a forma atual. O uso do termo como tríade, ressalta que, forma, sentido e função são intrinsecamente indissociáveis.

Por se tratar de uma análise extensa, utilizamos método indutivo-dedutivo, constituindo uma revisão bibliográfica de dicionários, gramáticas e outras análises à luz da Linguística e análise de *corpus*, construído pelo método sociolinguístico. *Oscorpora*

empregado é do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo– Grupo Janus, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, nas variedades do Português Popular e Português Culto de Vitória da Conquista. Foram analisadas, o total 54 entrevistas, de onde extraímos todas as ocorrências da preposição **desde** e suas variantes, os aspectos linguísticos e extralinguísticos. A ferramenta usada para análise e comparação foi o programa *GoldVarbX*, que gera dados quantitativos para análise e comparação de forma precisa.

Tal pesquisa é um contributo para os estudos linguísticos do vernáculo da cidade de Vitória da Conquista, além de caracterizar o uso de uma preposição específica, visto que o estudo de preposições em sua maioria se dá de forma abrangente. Focaliza por meio da História a variação e, posteriormente, a mudança linguística que envolve elementos sociais capazes de criar um novo vocábulo, com função prescindível na construção linguística.

2 PREPOSIÇÕES NO TEMPO E NO ESPAÇO

Martins (2003), ao tratar da Linguística Descritiva, em seu livro *Para entender a Linguística*, informa-nos que cabe primeiramente ao linguista duas tarefas: observar e descrever. Por meio daquela lição, entendemos que o pesquisador deva olhar para o mundo a seu redor e nele identificar os fatos linguísticos, extraindo-lhe um fenômeno e, sobre tal fenômeno, aplicar dada teoria e por meio dessa teoria utilizar pressupostos teóricos que o levem a conhecer melhor seu fenômeno-objeto¹.

Em nosso estudo, aprouve-nos fazer uma descrição sócio-histórica da **preposição desde** e, para tanto, vamos nos servir dos pressupostos teóricos da Sócio-História, da Sociolinguística e do Funcionalismo para entendermos as realidades do nosso objeto de estudo.

A definição e a delimitação de um fenômeno são as tarefas principais das quais se ocupam os estudiosos para poderem observar detidamente os aspectos mais relevantes de um fenômeno-objeto. Segundo Hegenberg (1976), as definições científicas² devem aludir à essência daquilo que se procura definir; logo, ao definir uma preposição devemos nos centrar na busca do conceito afirmativo de suas propriedades distintivas. Nesta seção, apresentamos o conceito de preposição numa perspectiva sócio-histórica, abordando (a) sua origem, (b) sua consolidação na Língua Portuguesa, (c) seus valores ao longo do tempo; sem deixar de tecer comentários também sobre o espaço, tanto o geográfico (diatópico) como o “espaço de uso”, a sociedade.

Nosso objetivo é, realmente, apresentar uma sócio-história da **preposição desde** e de sua variante **desde de** tendo como *corpora* de análise o Português Popular e o Português Culto de Vitória da Conquista – BA. No entanto, nesse primeiro momento, traçaremos a história da formação e consolidação da **preposição desde**, destacando não apenas seu valor, mas, suas formas variantes.

¹ Embora o Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa não registre o termo “fenômeno-objeto”, empregamo-lo como “etiqueta” para o item linguístico sobre o qual refletimos em nosso estudo: **desde** vs **desde de**.

² Segundo Hegenberg, os cientistas vêm, ao longo da história, se preocupando com a formação de conceitos apropriados para nomear os fenômenos com que lidam. Muitas vezes, nesse percurso histórico, vê-se a necessidade de elucidar sentidos bem como estabelecer conexões entre os termos teóricos (metalinguísticos) e os termos da linguagem ordinária.

2.1 Por um conceito de preposição

O dicionário etimológico de Antenor Nascentes (1966) conceitua preposição como “ato ou efeito de prepor”, ou seja, se pôr a frente de, por antes de outro; no sentido gramatical, é a palavra invariável que estabelece relação entre duas palavras. Na realidade, se detiver somente ao significado relacionado à gramática, pode-se enquadrar as conjunções e advérbios a mesma significação. Ao unir o sentido literal e gramatical, verifica-se o conceito integral da preposição, tal como é conhecida, a palavra que se antepõe à segunda, relacionando as duas palavras, modificando o sentido da primeira.

Segundo o filólogo Joaquim José Nunes (1945), em seu *Compêndio de Gramática Histórica*, algumas palavras invariáveis, tais quais as preposições que, na Língua Portuguesa, foram formadas pela assimilação e combinação de estruturas latinas. Abandonada a forma casual do ablativo, formas latinas tenderam a se cristalizarem formando, pois, certos advérbios como *hoc die* > **hocdie* > *hoje* e preposições como *per ad* > *pera* (arcaico) > *para*.

Em relação às preposições, mais precisamente, os compêndios latinos afirmavam que elas possuíam, originalmente, uma natureza adverbial *sinecasu* (sem caso) e que se antepunham (*prae-*) geralmente a substantivos para com eles exprimirem circunstâncias (o que as aproximaria da natureza adverbial³) de tempo, de lugar, entre outras.

A tradição gramatical latina (FREIRE, 1956) associava o uso da preposição ao regime, isto é, aquelas que regiam acusativo, aquelas que regiam ablativo, aquelas que tanto regiam o acusativo e o ablativo conforme o sentido. Havia, contudo, dois casos de posposição da preposição: *versus* e *tenus*. Além disso, era possível em Latim que a preposição *cum* se unisse a pronomes sucedendo-os: *mecum* (*mecum* > comigo). Portanto, a alcunha atribuída à preposição *por vir antes de* não era uma regra na língua “mãe”. De ordinário, havia preposições que se uniam a verbos, tais como se fossem prefixos: *ad+monere* > *admonere*, *ad + sum* > *absum*, *de + sum* > *desum*.

Além disso, as preposições possuem uma “natureza” relacional, a qual divide parcialmente com advérbios e conjunções. O que faz as preposições se diferenciarem dos advérbios e conjunções? A resposta vem-nos de Câmara Jr (1992 [1977]) para quem as preposições são vocábulos que subordinam um substantivo adjunto a outro substantivo ou a um verbo, o que constituiria o fenômeno da regência. Segundo o linguista, as línguas

³Madvig, Gramática Latina de Madvig, em 1942, afirma que *coram* embora tenha “nascido” preposição, tornou-se verdadeiramente um advérbio de lugar, depois passou à noção de frontalidade: *face à face*.

românicas inovaram na reconfiguração do uso das preposições, já que na Língua Latina a regência era, muitas vezes, um aspecto redundante, portanto, dispensável, o que não costuma ocorrer com as línguas novilatinas.

Crystal (1977) reconhece que as preposições constituem-se num grupo “fechado” que precedem substantivos, pronomes e verbos. Do ponto de vista da morfologia nominal, as preposições encabeçam os sintagmas nominais e, para tanto, segundo Crystal (1977), dois critérios devem ser usados para descrevê-las: o distributivo e o semântico. **Distributivamente**, as preposições são seguidas de substantivos com os quais estabelecem uma unidade fonológica, incorporando em si até mesmo os determinantes do substantivo, constituindo processo de combinação (*ao*) e contração (*à*). **Semanticamente**, segundo o mesmo autor, as preposições possuem valores que podem oscilar, mas encontram-se, preponderantemente, na relação espaço-tempo e suas extensões. Em relação às conjunções, Crystal (1977) observa que as conjunções seriam conectivos inter-oracionais.

Para tanto, a fim de definirmos preposição, vamos lançar mão de três critérios: (a) o critério da forma, (b) o critério do sentido e (c) o critério da função, bases de uma teoria estrutural. Macambira (2001) afirma que as classes de palavras são constituídas e baseadas nas formas que possuem, estando atreladas a uma função ou mais, e poderá expressar um ou mais sentido. Assim, a classificação das palavras deve basear-se primariamente na forma, isto é, nas oposições formais ou mórficas que a palavra pode assumir para exprimir certas categorias gramaticais. Logo, as preposições em Português podem morfologicamente serem classificadas entre as que são única e prioritariamente preposições, como *a, de, por, com, em, sem*, e aquelas que se tornaram preposições formada pela cristalização de dadas palavras, sendo que nas línguas românicas ainda sobrevivem formas flexivas de tais palavras, como *segundo, conforme, exceto, salvo*, frutos de gramaticalizações, portanto, resultando em formas invariáveis.

Em relação ao sentido, Macambira (2001), ao relacionar as preposições ao sistema fechado, demonstra que os significados de uma preposição, em tese, poderiam ser arrolados em uma lista simples. No entanto, reconhece que a frequência do uso de certas preposições (*em, de, a*, por exemplo) pode conduzi-las a alterações nos significados. As preposições “a” e “em”, rivais em relação ao espaço sem movimento, bem ilustram tal situação na expressão coloquial: “sentar na mesa” e “sentar à mesa”.

Focalizando-nos em nosso fenômeno-objeto, a preposição **desde** é composta por um morfema da Língua Portuguesa em sincronia, mas é formado por três morfemas românicos. Diferentemente das outras preposições ditas essenciais, **desde** é uma preposição que não veio

pronta do latim, assim, o que temos é um fruto da mudança linguística ou da reconfiguração de preposições. Em latim, usavam-se as preposições *de* e/ou *ex/e*, com o significado de movimento de dentro para fora, no tempo ou espaço, de um ponto de origem para outro ponto. Já, no Português Arcaico, foi utilizada a preposição *de* seguidadapreposição*ex*, resultando em *des*. Coube ao Português Moderno reunir *des* à preposição *de* e chegar à forma que conhecemos atualmente (*de ex < des de < desde*).

Em síntese, a **preposição desde** e sua variante **desde de** enquadram-se perfeitamente naquilo que a Linguística denomina de conectivo, ou que a Tradição Gramatical reconhece como preposição. Como tal, sua forma é descrita como a junção de outras preposições, fenômeno que é recorrente na formação de **desde de**. **Desde** assume a ideia de espaço e **desde de** vai assumir a noção de tempo, entretanto, através do contexto podemos verificar os variados sentidos agregados na preposição em estudo.

Na subseção seguinte (1.2), vamos apresentar um esboço diacrônico do uso das preposições.

2.2 O uso das preposições *de* e *ex* no latim clássico e no latim vulgar

Não pretendemos fazer nesta subseção um estudo detalhado das preposições *de* nem *ex* (as quais deram origem ao nosso **desde**), mas sim apresentar seus valores e usos, considerando apenas duas variedades do latim: o Clássico (a língua das elites romanas) e o não Clássico ou Vulgar (a língua das “não-elites” romanas, o povo). Para esse fim, vamos nos servir de Lisandro Rubio, *Introducción a lasintaxisestructuraldellatin*, (1976). Nesse percurso, Rubio (1976) convida-nos a fazer as clássicas perguntas para obtenção da forma do ablativo; no entanto, vamos nos deter apenas na pergunta: “unde?” (de onde) a qual há de nos satisfazer na discussão sobre *de* e *ex*.

2.2.1 A preposição *de*

A preposição latina *de* na língua de Cícero era construída com o ablativo de [lugar – origem] e possuía treze empregos recorrentes. O valor prototípico dava conta da procedência pela parte superior, vindo de fora; enquanto que o menos prototípico referia-se à noção de contrário. No *continuum* de sentidos, *de* poderia indicar: *descendência de*, *sobre*, *à custa de*, *por causa de*, *depois de*, *do meio de*, *momento em que*, *dentre*, *feito de*, *tocante a*. Na Vulgata,

por exemplo, São Jerônimo emprega a preposição *de* para indicar algo que vem de fora, de longe, aproximando-se, portanto, de *ex*.

Os diversos sentidos da preposição *de* não era o único entrave para sua perfeita compreensão. Nesse sentido, Rubio (1976) assevera que a sinonímia e a polissemia são entraves para a perfeita caracterização dos usos das preposições latinas e em especial da preposição *de*, o que levaria falantes, mesmo cultos, a confundirem os limites entre essa preposição e “suas rivais”. A esse respeito, prova-o que Virgílio e Ovídio empregaram no Latim Clássico em semelhante ambiente contextual preposições diferentes. Vejamos:

- (1) *Decorporefugitdolare* (Virgílio na Eneida) [Foge do corpo a dor]
- (2) *Fugitecorporesanguis* (Ovídio nas Metamorfoses) [Foge o sangue do corpo]

Os tradutores de ambos os autores foram mais comedidos e empregaram simplesmente a nossa preposição *de*.

Tal situação foi contundentemente “denunciada” por Arnauld e Lancelot na Gramática Racional de Port-Royal. São eles que chegam à conclusão de uso das preposições: “Só a preposição não é suficiente para determinar as relações; ela serve então para unir os dois termos: e a relação entre eles é assinalada pela inteligência, pelo sentido total da frase” (ARNAULD; LANCELOT, 2001). Vemos que a Gramática Racional serve-se de critérios funcionais e semânticos para entenderem a natureza das preposições, delegando ao utente a capacidade de atribuir-lhe sentido.

Interessa-nos, em particular, uma observação feita por Dauzat (1938) para quem a preposição *de* passou a exercer papel funcionalmente relevante dado o desaparecimento do genitivo, mas sem esquecer que também figuraria como verdadeiro prefixo de separação. Esse último aspecto teria reflexos no francês como em “déboire”, literalmente, “desbeber”.

De Rubio (1976), podemos tirar algumas lições: havia um *continuum* de sentido atribuídos ao uso da preposição latina *de*, e tais usos estavam condicionados a fatores linguísticos como o contexto, mas também estavam condicionados a fatores não linguísticos ou extralinguísticos como a origem do autor (Virgílio⁴, Ovídio⁵, São Jerônimo⁶), razões

⁴Públio Virgílio Marão (70 a. C. – 19 a.C.) foi o maior dos poetas clássicos e imitado por muitos que o sucederam. Escreveu a grande epopeia latina, a Eneida, e seus escritos sobreviveram à censura medieval. De estilo variado, foi considerado o mais completo dos poetas romanos, sendo chamado por Dante de “Mestre”.

⁵Públio Ovídio Nasão (43 a.C. – 18 d.C.) é um dos grandes poetas do Período de Prata, após a grande era de Augusto. Sua poesia oscilava entre as formas buriladas e os matizes intimistas, especialmente naquelas em que havia extremo tom pessoal, como as Trístias. Embora seu nome figure ao lado de Virgílio e Horácio, Ovídio pessoal e jocoso levou-o a redigir poemas em que trechos se aproximam da coloquialidade e a musicalidade de gosto menos elitista.

suficientes para que os tradutores optassem por evitar a repetição da preposição para fugirem da tradição literal ou dos latinismos.

Passemos a descrever sucintamente a preposição *ex*.

2.2.2 A preposição latina “*ex*”

A preposição latina *ex* costuma ser comparada à grega $\acute{\epsilon}\chi$ /X correspondente está também associada à formação de verbos e é mormente usada como prefixo. Assim, quanto à forma, a preposição *ex* aparece como elemento prefixal formador de verbo, tal como ocorreu com a preposição *de*. Tal preposição (*ex*) em latim responderia à pergunta “*unde*” (de onde) e, portanto, marcaria a ideia de lugar, regendo o ablativo. Já na língua clássica, a preposição *ex* alterava-se em sua forma para *e* por questões de “eufonia”. Além da ideia de lugar “*de onde*”, *ex* ainda servia para denotar a matéria de algo seria feito.

Posto desse jeito, podemos ver que a preposição latina *ex* possuía uma função prototípica, apresentando outros valores (como o de “matéria de que algo é feito”), mas esses valores não lhe eram privativos. Ravizza (1940) afirma que o indicativo de origem (*unde*) nunca foi privativo de *ex*, mas se encontrava emprego semelhante de outras preposições tais como: *a*, *abe* *de*. Rubio (1981, p.76), por outro lado, vê entre as preposições “*ex*” e “*ab*” algumas pequenas diferenças. Enquanto “*ex*” indica o afastamento de um interior, “*ab*”, por sua vez, denota que o afastamento se dá de algo exterior. Ademais, como nos informa Rubio (1981), Cícero (106 – 43 a. C.) constrói uma das mais belas páginas retóricas em seu *Pro Caecina*, por meio da oposição daquelas preposições.

Sem tecer maiores comentários sobre a questão, o que só caberia num estudo aprofundado sobre a Língua Latina, podemos, do esboço elaborado por Rubio, retirar algumas conclusões: o uso de “*ex*” e “*de*” estava condicionado a uma avaliação estilística do escritor. Juvenal e Plauto preferiam “*ex*” para situações de procedência familiar (o que denota um tom [+ coloquial] ou [+ afetivo]) enquanto que “*de*” é preferível nos casos das origens em geral. A distinção de “*ex*” e “*de*” (como usos em variação) estaria condicionada à compreensão de maior ou menor clareza da origem genérica da procedência. Tal separação

⁶Eusébio Sofrônio Jerônimo (347 – 420) mais conhecido como o tradutor da ItaloVetus para a linguagem do povo, isto é, a Vulgata. São Jerônimo notabilizou pelo conhecimento de línguas, especialmente o latim. Deu a sua versão da Escritura Sagrada as formas e as construções que poderiam ser entendidas pelo povo. Seu latim era diverso dos clássicos latinos. Coube a São Jerônimo transliterar as letras gregas inexistentes no alfabeto latino. Seu estilo é portanto o do latim coloquial do seu tempo.

por ser muito subjetiva e frágil, tenderia a cair no Latim Vulgar, passando a preposição “de” a uma forma neutra, um meio termo entre “ab” e “ex” até a incorporação de “ex” como forma prefixal.

Nesse sentido, podemos estabelecer nas acepções de distanciamento e procedência uma hierarquia entre “ex”, “de” e “ab”, sendo que “ex” e “ab” estariam em extremos, enquanto que “de” estaria num espaço de transição. Tal situação resultaria no enfraquecimento da preposição “de”, o que levaria os escritores latinos a empregá-las (*de* e *ex*) conjuntamente, mesmo que a preposição “ex” começasse a figurar como prefixo. Vamos aos exemplos coligidos de Rieman (1942, p.170), *Syntaxe Latine*:

- (1) **De sellaexsilire** [salta para fora da cadeira]
- (2) **Effugeredemanibus** [fugir das mãos]
- (3) **Exirede** [literalmente: sair para fora de]

Meyer-Lubke, *Introducción a la Lingüística Romanica*, em tradução de Américo Castro, 1926, atesta o mesmo fato ao afirmar que no Latim Vulgar *de+ex* passam a ser mais frequentes (MEYER-LUBKE, 1926, p.320). Ao se tornar em prefixo na Língua Portuguesa, “ex” passou a rivalizar com “des-”. Vejamos o contraste: *expertarvs* despertar, *exaspero vsdesaspero*.

Desse modo vemos que há um forte indício de que a formação de nosso **desde** é um reforço pleonástico já que procede de duas preposições que potencialmente podiam trazer em si a ideia de origem: *excastris, de monte venio* [Venho do acampamento, da montanha], as quais se reforçariam para demarcar nuances modalizadas da origem.

Coube-nos discutir na subseção 1.3 a presente questão agora no galego-português.

2.3 A preposição *de* e a preposição *des* (suas variantes) no Galego-Português

Com o intuito de discutirmos a origem de **desde**, vamos avançar um pouco mais no tempo adentrando pelos espaços do Galego-Português. Vamos nos guiar por duas fontes: primeiramente, Maia (1986) e Machado (1967). A ordem escolhida reflete a especificidade dos estudos.

Em sua obra *História do Galego Português*, ao analisar um *corpus* de mais de vinte textos, a preclara filóloga conclui pela generalização do uso da preposição *des*(ou sua variante *deſ*) para significar “o ponto de partida”, quer tenha sentido de lugar ou tempo. Maia (1986) reconhece que a fusão de “de” mais “ex” tenha se dado já no Latim Vulgar ou no

Baixo Latim. Tal fusão não seria de se estranhar e até Dauzat⁷ (1938) afirma que a *Chanson de Roland* registra tal construção, sendo, segundo ele, “[...] reinforcement de *ex*” (DAUZAT, 1938, p.240).

Maia (1986) vê na passagem de *despara* **desde** uma clara influência de duas forças: a primeira de ordem linguística e a segunda de ordem social. Por influência de [*antes de*] e [*depois de*], acredita a filóloga que [*de ex*] passaria a [*des de*] resultando em **desde**. Do ponto de vista social, *des* começou a ser visto como um atavismo, um resquício do meio rural no meio citadino, o que a levaria a ser avaliada como forma popular e como tal estigmatizada⁸.

Machado (1967, p. 793-794) observa que *des* tem sido registrado desde o século X. O lexicógrafo faz referência a uma censura contra o *desde que* feita por D. Duarte em sua “Ortographia”. Embora a forma *des* seja reconhecida como atavismo, *desdeque* é considerada forma “errada”, pelos escritores laureados, já que D. Duarte a emenda em “desque”. Ora, *desde que* deveria ser evitada e substituída por “desque”. Num claro exemplo da vulgarização do uso, o mesmo D. Duarte emprega “desdo” [ou seja, des+de+o], na introdução de um panegírico endereçado a D. Felipe II de Portugal. Vejamos:

(4) “*perquedesdo tempo que a este reino veo, até que Deus o leuou ao*”

Ainda, conforme, Machado (1967), **desde** já estaria “pleno” no século XIII:

(5) “*Desdelasierra ad acá*”

O lexicógrafo, por outro lado, reconhece que o **desde** é criação genuinamente portuguesa, com base nas formas latinas *de* e *ex*, já que **desde** não se encontra nem no Latim Vulgar nem nas outras línguas românicas.

Entretanto, Corominas (1987) afirma ser a construção **desde** uma forma conhecida na Ibéria, já que se encontra no Castelhana desde o século XII. A presença de **desde** na língua de Castela é incontestável; mas, Corominas constrói uma gradação em seu surgimento o que nos leva a dar crédito à seguinte equação metacrônica: *de + ex* > *des* (até o século XI) > *des + de* > **desde** (a partir do século XII). Na página 207 de seu *Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*, Corominas (1987) chama *des* de “laantiquapreposición” e vê como tendo sido transformada em **desde** por “combinación”, passando a valer como “dentro de”.

Se a preposição **desde** já foi conhecida na Ibérica, por outro lado, o Catalão rejeitaria a forma contraída para grafar “des de”.

⁷ A preposição francesa que corresponde a nosso desde é *hors de*.

⁸ O Galego atualmente generalizou a forma **desde**, mas ainda permite *des* em *desque* (MAIA, 1986).

2.4 O surgimento de *desde* e sua consolidação: uma voz contrária

Said Ali⁹(1965, p. 208) duvida que a preposição **desde** tenha surgido da mera junção das preposições *de* e *ex*, por julgá-la “uma etimologia cômoda”. Da mesma sorte, pouco crédito dá à etimologia proposta por Meyer Lübke para quem a forma derivaria de [*de ipso*]. Sem resolver cabalmente a questão, o filólogo brasileiro reconhece que *des* vinha sendo empregada “[...] durante todo o período do português medieval [...]” e que a forma **desde** foi “empregada na linguagem da Renascença”. Said Ali (1965) observa que no Português Moderno, citando um excerto do Vieira, **desde** ocuparia espaço que outrora seria preenchido pela preposição *de*. Interpretando o que nos diz Said Ali (1965), podemos fazer algumas inferências:

- a) *Des* seria a forma predominante no Português Antigo;
- b) A origem de **desde** não seria ponto pacífico entre os compêndios de histórias das línguas românicas;
- c) A presença de **desde** passa a ser categórica a partir do Renascimento, já que os exemplos de *des* chegam-nos do Português Antigo.

Ademais, Said Ali (1965) considera que **desde** surgiu por analogia a “antes de e depois de”, o que prova que sua gramaticalização é fato recente¹⁰ na Língua Portuguesa.

Na subseção seguinte, vamos apresentar uma visão crítica de dicionários da Língua Portuguesa a fim de entendermos como valores foram agregados a **desde**.

2.5 A preposição desde nos dicionários a partir do Século XVIII até o Século XX

Dicionários do Século XVIII, como o de Bluteau (1712, p. 123), apresentam o **desde** como uma partícula que situa o referente no espaço e no tempo, demarcando a distância, mormente de lugar, equivalente aos casos em que um ablativo latino era regido por preposições como *a/ab* e *ex*. Tal acepção será repetida nas edições sucessivas do **Dicionário de António Morais Silva**, cuja edição de 1918 afirma que “[...] termo (que denota) donde se

⁹ Na **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 5.ed.

¹⁰ O Catalão preservou a forma **des de**, sem a junção. Vejamos um exemplo contemporâneo, retirado da *internet*: Si vols estar encontacte amb catalàdes de fora de Catalunya, pots fer-ho a través de la Xarxa universitària d'estudis catalans a l'exterior [Se você quer entrar em contato com o catalão de fora da Catalunha, pode fazê-lo através da Rede universitária de estudos catalães no exterior] <http://www.intercat.cat/ca/info/catala-estranger.jsp>.

mede, ou determina algum espaço, servido de baliza ou metro e época a coisa significada pelo nome que se lhe segue”(SILVA, 1918, p.20). Vamos aos exemplos:

- (1) **Desde** o Tejo até o Mondego – Espaço
- (2) **Desde** a Páscoa até o São João – Tempo
- (3) **Desde** o meio-dia até a noite – Tempo

Observemos que Silva (1918) apresenta **desde** numa relação de paralelismo estrutural com *até*, demarcando o início e o fim do espaço e do tempo.

Por outro lado, o **Dicionário Caldas Aulete**, edição de 1974, apresenta uma contradição entre a definição (que se limita ao TEMPO) e os exemplos (em que inclui o ESPAÇO). Segundo o dicionarista, **desde** emprega-se no sentido de “ [...] a começar de, a datar de, a contar de” (NASCENTES, 1974, p. 20), mas apresenta os seguintes exemplos

- (4) **Desde** aqui até ali; **desde** manhã até à noite.
- (5) Arrastando-se **desde** as margens do Garona às do Sor....,

Numa perspectiva histórica, o **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** (2001) informa-nos que a preposição **desde** está presente em documentos do Português desde o século XII, mais precisamente em 1188, citando informação colhida do **Dicionário da Língua Portuguesa** de Machado (1975). Repetindo lições anteriores, o Houaiss confirma a alegada origem de **desde** a partir de $[[de + ex] > des + [de] desde]$. Inegável é que **desde** passou a assumir um dos sentidos da preposição *de*, especializando-se em indicar o “[...] movimento de afastamento de dado limite” (HOUAISS, 2001, p. 973), antepondo-se a vocábulos, a sintagmas e a orações, estabelecendo uma relação dita subordinante. Quanto aos sentidos atribuíveis ao **desde** temos:

- a) Movimento ou extensão com relação a um dado ponto no espaço.
- b) Movimento ou extensão a partir de um determinado tempo.
- c) Ordem gradativa.

Percebe-se que a mudança gradual na forma também indica mudança no sentido, tornando a preposição **desde** um item menos gramaticalizado, numa forma mais gramaticalizada, assim, temos um *cline* semântico-funcional presente na forma. Segundo Hopper e Traugott (2003, p.6) o conceito de *cline* está relacionado não à mudança de categoriamas, a uma série de transições graduais. Assim como aponta Houaiss (2001), será tratado detalhadamente mais adiante.

Heine e Traugott (1991): ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO

Houaiss (2001): ESPAÇO>TEMPO>GRADAÇÃO NO TEXTO

2.6 A preposição **desde** nas gramáticas normativas

As gramáticas normativas levam em consideração prioritariamente a linguagem escrita, principalmente no que corresponde à Literatura Clássica, visto que nela se encontram os bons exemplos de usos autorizados. Recorreremos à tradição gramatical é, portanto, verificar o que o cânone da língua prescreve como bom uso e como tal torna-se elemento balizador para o ensino e até para o surgimento de estereótipos linguístico-culturais. Como em nosso estudo fazemos o cotejo de duas normas (na acepção de Coseriu), apresentamos uma breve discussão de como a tradição gramatical vê o emprego da preposição **desde**.

Inicialmente, a preposição **desde** vem quebrar de certo modo o paradigma formal proposto pela tradição de que as preposições devam ter antecedentes. Tal como um advérbio, a preposição **desde** pode ou não possuir o alegado antecedente esperado ou preceituado pela tradição, o que poderia ser um resquício da época em que fora uma locução.

(6) Conhecia-o **desde** criança.

(7) Conhecia-o *de* criança.

Conforme os exemplos (6) e (7), percebemos que o uso da preposição **desde** pode ser substituída por **de**, assim não verificamos no exemplo, resquícios de locução. Portanto, com relação a função temporal, em determinados casos, **desde** pode ser substituído por **de**. Vamos apresentar os valores de **desdesegundo** a tradição gramatical.

2.6.1 *Desde: movimento ou extensão com relação a dado ponto no espaço*

O sentido primevo de **desde** relaciona essa preposição ao espaço. A ideia de ponto de partida no espaço pode ser claramente vista ao analisarmos exemplos de uso da preposição **desde**:

(8) Veio a pé **desde** sua casa. [| desde →]

(9) A multidão se estendia **desde** o centro até a periferia da cidade. [| desde → até |]

No exemplo (8), o falante considera *a casa* como o ponto inicial da ação expressa pelo verbo, isto é, o movimento propiciado pelo verbo “vir” inicia-se na casa. Em reação ao exemplo (9), vemos a demarcação extensiva em que a preposição “até” entra como elemento balizador do fim, ou seja, enquanto que **desde** denota o início da extensão, o *até* finaliza tal extensão.

Assim dito, vamos à noção de tempo.

2.6.2 Movimento ou extensão a partir de um determinado tempo.

Em relação à ideia de tempo expressa pela preposição **desde**, podemos perceber que ela corresponde a “a partir de”, “a datar de”:

- (10) **Desde** ontem até hoje.
- (11) **Desde** que horas você está aí?
- (12) Estava à espera **desde** as duas horas da tarde.
- (13) **Desde** cedo revelou interesse pela leitura.

Línguas não-latinas, como o inglês por exemplo, tendem a usar a preposição correspondente, mas também a empregar formas verbais balizadoras dessa ideia de continuidade temporal, tal qual ocorre com “since”:

(14) I have been here **since** you told me to come. [Eu estou ou tenho estado aqui **desde** que você me disse para vir.]

Em que o “present perfect” denota a continuidade da ação iniciada no passado, reforçada pela preposição since (=desde). Tal ideia de continuidade vai ser reconhecida pelos gramáticos como veremos na subseção seguinte.

2.6.3 Ordem gradativa

A gradação (HOUAISS, 2001) ou a continuidade (CARNEIRO, 1957) expressa pela preposição **desde** é uma das funções que essa preposição explicita advinda da sua composição pela preposição “de”. Ambos os autores asseveram que nessa relação de gradação ou continuidade a presença de “até” ou de “a” é elemento limitador ou de “acabamento” (CARNEIRO, 1957, p. 422), como indicam os exemplos abaixo:

- (15) Estavam lá **desde** [de] ministros aos mais humildes funcionários.
- (16) **Desde**[Do] o mais alto ao mais baixo.
- (17) Tentou tudo, **desde** [da] a calúnia até o suborno.

Vemos, ainda, que em tal sentido a preposição **desde** se configura como um advérbio. O mesmo ocorre quando a preposição se torna base para locução conjuncional (**desde** que, **desde** quando), e os valores podem agregar novos valores (nuances ou matizes) como condição, causa e ironia.

Para Cunha e Cintra (1985), **desde** passou a destacar o ponto de partida (intensivo da preposição *de*), uma espécie de *função espacial extensiva* daquela preposição. Assim, **desde** formaria com a palavra que lhe sucede um todo indissociável, perdendo sua mera função

relacional para assumir, mesmo com a ideia de lugar, um todo significativo, *in casu*, intensivo, outra forma de interpretar o valor gradativo (HOUAISS, 2001) ou continuativo (CARNEIRO, 1957). Em exemplos citados pelos autores, constam os seguintes trechos de Manoel da Fonseca (prosador português) Monteiro Lobato (prosador brasileiro), respectivamente:

(18) **Desde** longe, sob o céu limpo de nuvens, a intensa claridade arroxeadada do poente, irradia como uma assombração. [┆ desde →] (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 555).

(19) Esse maciço dos Andes, esse compridíssimo levantamento da costa da terra, próximo ao Oceano Pacífico, vem **desde** a Patagônia até o Alasca. [┆ desde → até ┆] (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 555).

Evanildo Bechara, em sua *Gramática Moderna da Língua Portuguesa* (2004), demonstra que há entre as preposições “de” e **desde** um ponto em comum: ambas apresentam caracteres de dinamicidade; no entanto, **desde** (BECHARA, 2004, p.293) apresentaria marca de afastamento, o que justificaria, a nosso ver, sua criação na Ibéria. Por outro lado, o gramático reconhece que há casos em que a preposição “de” pode assumir o lugar de **desde**, conforme exemplo de sua lavra:

(20) Havia meio século da (= desde a) descoberta (BECHARA, 2004,p.309).

Em síntese, a equivalência entre “de” e **desde** nesse caso não é mera percepção de Bechara (2004). Sem dúvida, não podemos negar que o fato de a preposição **desde** ter surgido por necessidade de gradação e continuidade e ter apagado dela as marcas de sua formação, como bem testemunha João Ribeiro (1898), também ocorreu com outras preposições (“palavras novas”) “[...] compostas desde o período antigo da língua sobre elementos latinos: dentro (*de +intro*), após (*ad+post*), depois (*de+post*) [...]” (RIBEIRO, 1898, p.148-149).

Na subseção seguinte (1.7), vamos apresentar a visão da Linguística Moderna acerca da preposição **desde**.

2.7 A preposição *desde* na Linguística

Para as reflexões sobre o estudo da preposição dentro daquela abordagem que denominamos de “na Linguística”, vamos utilizar quatro obras de referência. As três primeiras foram produzidas respectivamente por Neves (2000), Ilari e Castilho (2001), Castilho (2010) e a quarta obra nos vem de Vilela e Koch (2001). Com base nessas quatro perspectivas, elaboramos nosso diálogo com o fenômeno por nós estudado.

Obra de referência para todo aquele que procura estudar a língua em uso, a **Gramática de Usos** de Maria Helena de Moura Neves abre um amplo caminho para reflexões. Inicialmente, Neves (2001, p.18) contraria em seu discurso aquilo que postulam os dicionários em relação às preposições. Segundo a pesquisadora, os dicionários, em suas entradas, afirmam que as preposições possuem diversos sentidos, o mesmo tratamento que dá, por exemplo, aos nomes. A juízo de Neves (2001), uma preposição precisa ser vista na esfera das relações e dos processos. Postula, portanto, que sejam observados, na descrição das preposições enquanto relações e processos, os seguintes itens:

- a) Significado unitário;
- b) Natureza dos dois termos em relação;
- c) Relação sintática entre o antecedente e o conseqüente;
- d) Traços semânticos dos dois termos em relação e a relação semântica estabelecida.

No entanto, a natureza da preposição **desde** torna-a *sui generis* numa análise descritiva que considera o antecedente e o conseqüente, já que sua natureza de *composição adverbial* é facilmente perceptível. Para resolver tal questão, Neves (2001, p. 609) resolve cindir as preposições em dois grupos: o primeiro em que elas atuam na introdução de argumentos e o segundo em que elas atuam como não-introductoras de argumentos. **Desde** (tal qual “ante”, “após”, “perante”, “sem”) figura entre as que não introduzem argumentos.

Segundo seu raciocínio, Neves (2001) propõe para **desde** o papel de estabelecer relações semânticas em dois níveis sintagmáticos: o verbal (adjunto adverbial) e o nominal (adjunto adnominal). Em relação ao tempo (adjunto adverbial de tempo), ocorre o fenômeno da extensão, semelhante à gradação (HOUAISS, 2001) ou acontinuidade (CARNEIRO, 1957):

(21) “**Desde** os tempos do Seminário de São Joaquim (...) os meninos eram assistidos por cirurgião-barbeiro” (NEVES, 2001, p. 723) [| desde →].

(22) “É ainda um livro sobre a presença dos brasileiros em Roma, **desde** a Independência até a época de Magalhães de Azeredo” (NEVES, 2001, p. 723) [| desde → até |].

Em ambos os casos, Neves (2001) afirma que o **desde** equivale a “a partir de” e “a contar de”, ocorrendo o mesmo em construções com sintagmas nominais, como em:

(23) Sua vida **desde** algum tempo era vigiá-lo. (NEVES, 2001, p.724). [| desde →]

Em relação à possibilidade de **desde** ser substituído por “de”, Neves (2001) reconhece tal situação desde que haja a ligação entre um ponto de origem e que seja indicada a extensão no espaço a partir de um ponto, havendo ou não a presença de limite final:

(24) Ela já se despede **desde** a escada rolante. (NEVES, 2001, p.725) [| desde →].

(25) No entanto, o leitor sente a presença da Sombra e do Mal **desde** a primeira até a última página (NEVES, 2001, p.724) [| desde → até |].

Por extensão desse sentido, a preposição **desde** pode ainda, dentro do âmbito, do sintagma nominal expressar a inserção de elementos em um conjunto ou indicar o extremo de uma escala, semelhante à gradação (HOUAISS, 2001) ou a continuidade (CARNEIRO, 1957). Vamos aos exemplos:

(26) **Desde** os clássicos cartolinha, rosa, sapatinha, espada, todas as variedades conhecidas no Brasil (NEVES, 2001, p.726) [| desde →].

(27) A Igreja Católica, a serviço do imperialismo, deve ser destruída **desde** a cúpula até o alicerce. [| desde → até |].

Em aditamento às reflexões expostas, devemos acrescentar que Castilho (2010, p.597) reconhece inicialmente que a preposição **desde** tal qual “de” e a locução “a partir de” atuam como indicadoras de ponto inicial, a origem, quer em seu aspecto espacial quer em seu aspecto temporal. Em estudo anterior (2001), agora feito com Ilari, os dois pesquisadores afirmam que o sentido original de **desde** é espacial, mas que seu emprego se estendeu ao tempo, como é comum a outras preposições e que tal extensão de sentido se dera por metáfora:

(28) Estou na rua **desde** ontem. [| desde →].

O exemplo arrolado pelos autores é de relevância para demonstrar a premência manutenção de **desde** a despeito de ela (a preposição) poder em diversos casos ser substituída por “de”, “a partir de” e “a contar de”. Vemos que a preposição **desde** não poderia ser simplesmente substituída pela preposição “de” e para forçar-lhe a equivalência o utente precisaria de uma locução prepositiva, formada de elementos de continuidade, como a preposição “a” e os verbos “partir/contar”.

Por fim, Vilela e Koch (2001) discutem os valores das preposições e, para tanto, usam uma metáfora que julgamos pertinente à descrição. Para eles, o valor da preposição encontra-se “diluído” e nesse sentido há preposições que ficam “incolores” quando são exigidas por verbos, por substantivos, por adjetivos ou por advérbios. Tal situação levaria à necessidade de formarem elementos estruturais mais consistentes, num processo de adjunção, como ocorre, segundo os autores, com a preposição **desde** que se junta na estrutura frasal a “até”: [| desde

→ até †], ou seja, num novo *cline* semântico-funcional. Vilela e Koch (2001) reconhecem que os valores das preposições não são fixos, mas que os sentidos vão ser arrastados pelos substantivos e pelos adjetivos, levando-as a um domínio temporal, local ou até a valores abstratos.

Algumas preposições especializaram-se na expressão de uma relação, mas a maior parte das preposições são polissêmicas, ou servem de suporte à sinonímia. Nesse sentido, a preposição “de” poderia indicar origem, mas teve que “dividir” tal valor com o **desde**. Por outro lado, **desde** pode ser substituído por **de**, especialmente nos casos de [† desde → até †]. Além disso, para os autores, é legítimo que a gradação do movimento ocorra se partimos de um ponto de vista onomasiológico, como no caso do movimento:

- (29) Vou *até* Lisboa.
- (30) Vou *a* Lisboa.
- (31) Vou *para* Lisboa.
- (32) Venho *de* Lisboa.
- (33) Falo *desde* Lisboa.

Afirmam contundentemente que tais preposições apresentam um “movimento”, mas com especificações sêmicas, o que confirmaria o aspecto diluído da noção de movimento (VILELA; KOCH, 2001, p. 256). No caso específico da preposição **desde**, a semântica explica que tais preposições que indicam tempo se entrecruzam com outros elementos para exprimir o domínio nocional em várias modalidades.

Estudos recentes (NEVES, 2000; ILARI; CASTILHO, 2001; CASTILHO, 2010; VILELA; KOCH, 2001) reconhecem que elas têm um sentido mais amplo e, portanto, uma maior variabilidade de uso. Ao contrário das gramáticas tradicionais que tendem a enquadrar as preposições em conjuntos, a abordagem Linguística visa a analisar as preposições individualmente, porém, sem deixar de ressaltar a importância das categorias para o reconhecimento das preposições.

Não poderíamos finalizar esta seção sem fazer referência ao estudo feito por Martelotta (2010) para quem, ao analisar a noção categorial metafórica, presente também na preposição **desde**, observar que “para expressar funções abstratas, são recrutadas entidades concretas” em que se justifica por um princípio básico para estruturar noções cognitivas: o princípio da exploração de velhos meios para novas funções (MARTELOTTA, 2010, p. 52-53). O processo de mudança linguística sofrida pela preposição **desde**, *osclines* semânticos-funcionais e a unidirecionalidade apontam a gramaticalização sofrida. Sem deixar de ressaltar

os elementos sociais que interferem na Língua e faz com que haja tantas mudanças ao decorrer do tempo. Falaremos mais especificamente sobre esses aspectos na seção seguinte.

3 A TEORIA

Ao longo da história das Ciências Sociais, modelos teóricos foram apresentados na tentativa de se compreenderem as realidades humanas. Apesar do que postulam as Ciências da Natureza, por exemplo, as Sociais sempre renderam homenagem aos pensadores e a seus postulados que trilharam caminhos que nos conduzem a preencher lacunas na tentativa de compreender os fenômenos que nos circundam. Um desses fenômenos que os homens sempre procuraram interpretar repousa na inevitável mudança linguística que se verifica ao longo de nossas histórias. Nesse sentido, torna-se pertinente refletir com a ajuda de Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Pueche (2017) o que chamamos de teoria dentro das Ciências Sociais, como a Linguística. Para aqueles autores, falar de teorias dentro de uma mesma tradição nos impele, muitas vezes, a assumir uma posição normativo-metodológica, ou seja, a usar as teorias e suas consequentes metodologias como estruturas teóricas que beiram ao dogmatismo, em lugar de compreendermos as condições históricas que as forjaram (no sentido de moldar o aço).

Nesse sentido, essa seção não é apenas um resumo das teorias que podem explicar o fenômeno que analisamos, mas, acima de tudo, uma tentativa de estabelecer um diálogo dentro da Linguística Histórica, reunindo postulados harmônicos que possam fundamentar a compreensão dos fenômenos da linguagem. Para tanto, vamos apresentar os postulados sociolinguistas e funcionalistas *per se*, mas sempre mantendo uma relação dialógica entre eles e os usos, os valores e as formas da preposição **desde** na Língua Portuguesa.

3.1 Sociolinguística

A Sociolinguística é uma corrente da Linguística Moderna surgida na segunda metade do século XX, cuja abordagem centra-se na língua e na comunidade que a utiliza como instrumento de interação, ou em termos labovianos¹¹, o vernáculo (MOLLICA, 2007). Sobre o termo “comunidade linguística”, ou, “comunidade de fala”, Silva-Corvalán (2001), a partir da perspectiva laboviana, define que, apesar das dificuldades encontradas para a definição

¹¹ William Labov é considerado o precursor dessa corrente teórica por ser considerado quem mais voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se estudar a língua, apesar de sua heterogeneidade. O primeiro estudo iniciado a partir de 1963 contemplava inglês falado no Estado de Massachusetts (EUA), na ilha de Martha's Vineyard. A esse pioneiro empreendimento, vários outros estudos labovianos se seguiram, como os estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova Iorque, sobre o vernáculo dos adolescentes negros do Harlem, os estudos sociolinguísticos da Filadélfia (TARALLO, 1997).

exata de uma comunidade, corresponderia ao conjunto de indivíduos que compartilham “regras que regulam” a conduta linguística em diferentes situações de uso. O compartilhamento de regras de uso é que determina a coesão da comunidade, ou seja, não há uma força externa que a controle, como ocorre com a língua oficial, mas a manutenção da percepção de identidade entre os falantes. Assim, a identidade do falante e a identidade de pertencimento a seu grupo poderiam refletir os valores em crise surgidos no seio da sociedade. À luz da Dialetoлогия, por exemplo, a forma “derna” poderia figurar numa “carta”, mas apenas do ponto vista geográfico, não considerando que tal forma poderia localizar-se na comunidade, havendo sobre ela inclusive um estigma que a levaria a se “homiziar” nas periferias.

Nesse sentido, Silva (2005), analisando o panorama da Sociolinguística na França e nos Estados Unidos, considera a Sociolinguística como “uma ciência da crise” visto que ela emerge, acima de tudo, na tentativa de propor um modelo explicativo sobre “realidade” linguística no meio de crises sociais que impulsionaram, ou urgiram, reflexões acerca do espaço das minorias em relação aos *déficits* educacionais, sobre a qualificação de mão de obra, sobre os conflitos sociais envolvendo a identidade sócio racial de comunidades linguísticas e, no caso do Brasil, o impulso do projeto de “democratização do ensino”.

Em meio a esse contexto motivador da revisão das teorias anteriores, adaptando-as a uma nova necessidade, o texto publicado em 1968 por Uriel Weinreich, Marzin Herzog e William Labov inicia, na opinião de Tarallo (1994), uma inovadora maneira de pensar sobre a história das línguas. A Linguística volta-se a conceber a harmonia entre aquilo que é heterogêneo, estrutural e funcional, numa tríade indissociável. A análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos deve ser vista à luz da análise de elementos sociais que deram origem à estratificação social a qual reflete a estratificação das identidades dentro da comunidade de fala. Nesse sentido, a língua é vista como um componente da cultura social estratificada e que tal estratificação é balizadora dos comportamentos linguísticos.

Como bem acentua Mollica (2007), a diversidade linguística passa a ser vista como própria do sistema e como tal passível de descrição e de análise. Haveria, portanto, uma heterogeneidade sistemática, manifesta na variação. O termo “*variação linguística*”, amplamente utilizado nos estudos sociolinguísticos, faz referência à heterogeneidade observada em determinada comunidade de fala, cujos fenômenos específicos convencionamos nomear de “*variantes linguísticas*”, ou seja, diversas formas de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. Por sua vez, a um conjunto de variantes dá-se o nome, em Sociolinguística, de “*variável linguística*” (TARALLO, 1997, p.8). A partir

deste contexto teórico, insere-se nosso estudo que procura no âmbito de duas normas (Popular e Culta) desnudar a frequência de uso e os valores atribuídos a duas formas linguísticas: **desde** e **desde de**.

A Sociolinguística define seu objeto de estudo, a língua, no o uso real, em que devam ser observadas as relações entre a estrutura linguística e os fatores externos à língua, mas componentes não só da estrutura social, mas de sua coesão.

Souza (2009) reconhece que os primeiros trabalhos voltados para a Sociolinguística tinham caráter fonético-fonológico, mas a língua pode sofrer mudança em qualquer parte, ou seja, em diversos níveis: morfológico, lexical, sintático, semântico, pragmático. Nessa linha de raciocínio, cabe ao pesquisador compreender a mudança considerando não apenas a língua como “sistema *em si mesmo*”, mas também a como “*sistema em uso*”.

Torna-se, ainda, pertinente a observação feita por Coelho et. al. (2015, p. 59):

[...] Mesmo que a princípio se possa pensar que heterogeneidade implica ausência de regras, a Sociolinguística vê a língua como um objeto dotado de heterogeneidade estruturada – logo, há regras, sim. Decorre daí que, enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, que sempre se aplicam da mesma maneira, a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico.

Em outras palavras, a teoria sociolinguística é precursora da sistematização do tratamento de aspectos sociais dos fenômenos de variação e mudança, delineando de forma aprofundada a relação língua e sociedade, sendo que a mudança decorre da variação. Cada variável assume um papel diferente que será preponderante em relação às demais, recebendo mais destaque a coexistência de formas em dado momento de sua “evolução”, o que leva ao fenômeno de variação linguística.

Dessa forma, alguns fatores linguísticos considerados nos primeiros estudos sociolinguísticos foram: ambiente fonético, fatores prosódicos, influência estilística e considerações lexicais, tendo por base fatores extralinguísticos quantificados, tais como, naturalidade, atividade financeira, etnia, sexo, idade e grau de escolarização.

Diferentemente do Funcionalismo, que prioriza a função de um item ou expressão linguística em seu uso, a Sociolinguística prioriza a estrutura linguística correlacionada aos fatores sociais e extralinguística, por meio das quais percebemos que a língua possui uma gramática constituída por regras variáveis e que é possível descrever a inter-relação entre os elementos internos e externos da língua. Para que isso ocorra, a Sociolinguística dispõe de

abordagens capazes de relacionar teoria a dados empíricos. Por meio de tais dados, podemos nos orientar através dos problemas da mudança (questões), cujas respostas são pontos de suma importância na Sociolinguística. São eles: problema da restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e o problema da implementação. Passaremos a tecer comentários sobre cada um deles.

No sentido literal de *restrição*, conforme Lucchesi (2004), podemos dizer que se trata de uma imposição de limites, a mudança linguística não é algo desenfreado e ilimitado. O problema é encontrar os limites: quais as mudanças possíveis que podem ocorrer em determinada estrutura? A partir da resposta a essa pergunta podem-se prever os limites da mudança. A busca de restrições linguísticas de caráter universal não isola a língua assepticamente, até mesmo porque, como vimos, o objeto de estudo da Sociolinguística envolve elementos sociais.

Voltando ao nosso objeto-fenômeno devemos esclarecer que uma das restrições presentes na preposição **desde** é que ela indica sempre um *movimento*: espacial, temporal ou nocional. O **desde** unido a outras formas sempre será uma locução pertencente ao grupo de palavras invariáveis de sua natureza: advérbio, conjunção ou preposição. Assim, se mudanças não de ocorrer em relação ao **desde**, tais mudanças são controladas pelos limites categoriais impostos pelo sistema e pelas relações próprias de cada comunidade de fala.

Segundo Lucchesi (2004), o qual interpreta Labov (2006 [1972]), a questão voltada ao *encaixamento* está relacionada à ideia que os fenômenos linguísticos podem se encaixar, ou se inter-relacionar a outros fatores linguísticos, estilísticos e sociais. Imaginemos uma muralha de blocos em que a disposição dos elementos constituintes não se fazem de forma aleatória, mas seguem um padrão para a sustentação do todo. Se tivesse que mudar essa muralha de blocos movendo gradualmente cada bloco sem desfazer a montanha, seríamos forçados a manter a coesão estrutural para evitar que o todo viesse a ruir. Assim também funciona a língua, mesmo em uma mudança/variação ela não se transforma numa nova língua de uma hora para outra, ela vai se alterando aos poucos até passar à estrutura atual, apesar de que, às vezes, parece ser uma nova língua, mas há todo um processo de encaixamento de diversos fatores. Justamente como ocorre com diversas preposições e advérbios na língua portuguesa. Vejamos o que nos diz Lucchesi (2015):

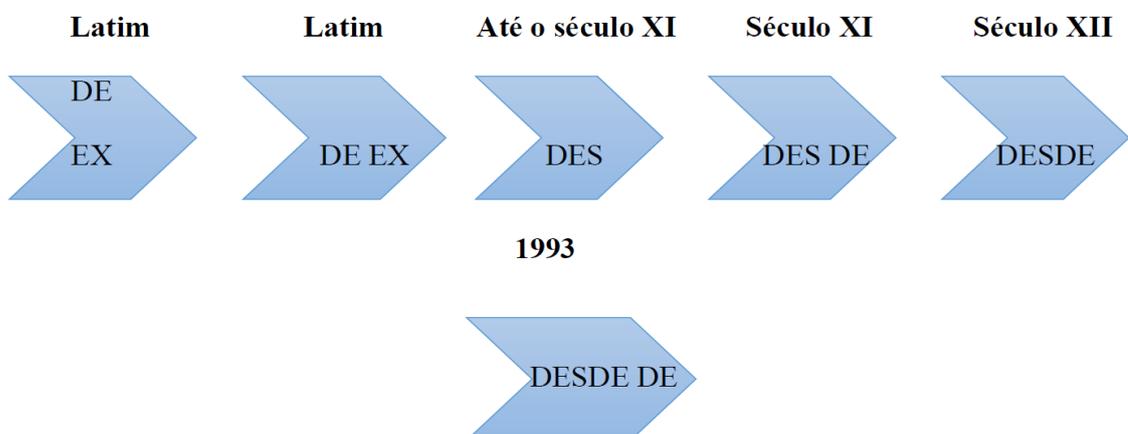
Outra questão importante dentro do problema de encaixamento é a noção de que mudanças podem ser explicadas pela covariação, isto é, pela relação entre o fenômeno variável e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que atuam como contextos de restrição, favorecendo ou

desfavorecendo a aplicação de determinada regra. As restrições relacionadas aos condicionadores linguísticos podem ser de diferentes níveis e operam simultaneamente. O aumento ou decréscimo da atuação de restrições sobre o fenômeno variável é um indicativo de possível mudança em progresso. Em geral, uma mudança começa nos contextos linguísticos que mais favorecem a aplicação da regra e se difunde progressivamente aos demais contextos. (LUCCHESI, 2015, p. 81-82).

Verticalizando o pensamento de Lucchesi (2015) para o nosso estudo, podemos notar que o encaixamento pressupõe fases contínuas de covariação, ou seja, de embates/lutas entre formas vivas na comunidade de fala. A formação do **desde** destacou-se por uma fase em que a forma *des* era tida como a usual, havendo censura explícita à repetição da preposição de aposta ao *des*. **Desde** e *dessobreviveram* por alguns séculos e, posteriormente, a forma *des* passou a ser não mais usada, prevalecendo a forma outrora “redundante”, como demonstramos na subseção 2.3.

Outro problema apontado por Labov (1972) está relacionado à *transição* e melhoramento da nova forma, ao progresso da forma ao longo do tempo e das gerações. Há alguns aspectos universais presentes no estudo da Sociolinguística, tais como: pais e filhos apresentam o vernáculo de diferentes formas, o tempo aparente corresponde aos primeiros anos até a puberdade e tende a ser o vernáculo usado até a velhice, a mudança em tempo real corresponde ao longo dos anos em diferentes períodos (estudo diacrônico). Assim como todos os outros problemas, o que refere à transição, também, diz respeito aos aspectos sociais. A mudança se dá de forma contínua, havendo fases intermediárias em que as variantes coexistem e concorrem, diminuindo aos poucos o uso de uma variante em relação a outra, até que a mudança se efetive (COELHO et al., 2015, p.101).

Figura 1 – Linha do tempo da preposição **desde**



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme a figura 1, houve fases intermediárias no processo de mudança linguística nos séculos XI a XII, portanto, a mudança linguística sofrida na preposição **desde**, pode ser avaliada pelos problemas de transição e encaixamento. A medida que fora transmitida, a preposição não causou uma desestruturação no sistema linguístico, visto que, houve o encaixamento de formas.

Além disso, temos o problema da *avaliação*, o qual se manifesta em dois níveis: a avaliação linguística e a avaliação social, ambas ligadas à atitude (desempenho) consciente do falante em escolher uma forma ou outra. Qual papel funcional desempenha a mudança ou dada variante? Todas as possibilidades que levam a expressar uma informação e como será essa formação dependem exclusivamente do falante.

Mais precisamente, a avaliação social trata do significado social relacionado a uma determinada forma e como o falante se posiciona nessa escolha: deve utilizar a forma mais conservadora ou a mais recente? Todo o posicionamento individual perante uma forma reflete no comportamento do grupo, assim, a avaliação linguística é, geralmente, permeada por uma avaliação social.

As variantes de maior prestígio aproximam-se de ideais urbanizadores, em situações formais, relegando às formas de menor prestígio à informalidade, à coloquialidade e aos espaços menos urbanizados. Não é assim que vemos com a forma *derna* ou **desde de**? Ademais, as formas avaliadas como mais conservadoras, a rigor, estão relacionadas ao prestígio social dos grupos privilegiados. Construções atávicas que, remetem, por exemplo, ao meio rural devem ser evitadas. No entanto, é válido ressaltar que formas inovadoras importadas, a depender da cultura de onde se importa, são carregadas de força impulsionadora (COELHO et al., 2015, p.93).

Por fim, devemos considerar o problema da *implementação*, que já houve nas formas estudadas. Os elementos extralinguísticos influenciam muito para impulsionar ou frear uma mudança. Para a implementação linguística, levamos em conta alguns condicionadores linguísticos e sociais, mas de ordinário há geralmente perda da significação social que a forma possuía. Além do fato que, se a mudança originar-se de uma comunidade de fala de prestígio, fica mais fácil a implementação, porém, muitos aspectos servem de empecilhos quando se trata de uma comunidade de fala popular. Segundo Coelho et al. (2015), algumas perguntas precisam ser respondidas para compreensão das razões da mudança:

[...] O que os estudos apontam é que, para um melhor entendimento das razões pelas quais uma mudança ocorre num dado tempo e lugar e não em outros, não basta observar apenas a dinâmica social de grupos locais;

explicações de ordem extralinguística devem ser buscadas no estudo da estrutura social mais ampla, considerando fatores como identidade, configuração da hierarquia social, entre outros.

Para responder as questões norteadoras desse problema (a que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? por que uma mudança ocorre em uma língua em uma época e não em outras?) (COELHO et al., 2015 p.93).

Para análise do problema da implementação é necessário avaliar todos os demais problemas, considerando que mudanças não são inertes, e sim, contínuas.

Nessa subseção, procuramos apresentar aspectos relevantes da Teoria Sociolinguística que fundamentam nosso estudo. Salta aos olhos a noção basilar de que a heterogeneidade linguística pressupõe, em diversos casos, o embate de (pelo menos) duas formas diferentes de dizer a mesma coisa. E que tal situação não se dá ao acaso, mas pode ser entendida por padrões comportamentais (linguísticos e sociais) que condicionam a presença de certa forma prestigiada em relação a outra, até que a forma prestigiada venha a suplantar ou não a forma de menor valor social.

Na seção dedicada à Metodologia, vamos discutir as hipóteses, seus condicionantes e suas formas de verificação a fim de analisarmos em que contextos linguísticos e extralinguísticos ocorre a variação entre o **desde** e o **desde de**.

Na subseção seguinte, vamos tratar de outra base teórica que serve de lastro para nosso estudo: o Funcionalismo.

3.2 Funcionalismo

Para iniciarmos nossa discussão, vamos recorrer ao estudo realizado por Castilho (2012), em que o pesquisador afirma que o Funcionalismo centra-se na perspectiva de a linguagem ser compreendida em sua interação social, dando destaque aos eventos reais de fala, preocupando-se, ainda, com a mudança linguística. Assim, a língua é um instrumento de comunicação, o qual se expõe a pressões advindas de diversos níveis de estruturação gramatical, tal qual definem Martellota e Areas (2003). Nesse sentido, o escopo da Linguística em termos funcionalistas seria descrever e analisar como as pessoas falam, ou seja, como agem os utentes / os falantes em situações reais e não em situações presumíveis. Tal situação levaria o pesquisador a traçar a competência comunicativa dos utentes.

Para os funcionalistas, a competência comunicativa é de suma importância para a construção e interpretação de estruturas linguísticas. Embora a expressão *competência*

comunicativa tenha sido cunhada por Hymes (1974), tendo como exemplo a competência linguística de Chomsky (1957), ela serve bem a propósitos tanto dos funcionalistas quanto dos sociolinguistas. A competência comunicativa é a capacidade que o falante tem de não só apenas dominar a gramática de uma dada língua, mas saber quando falar e quando não falar e que variedade usar em dada situação: o falante conhece as regras da gramática da língua, mas vai usá-las com um objetivo, uma função; portanto, uma funcionalidade discursiva, testificamos os benefícios de tal análise, conforme a citação abaixo:

O Funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que verifica este uso. [...]. Segundo a hipótese funcionalista, a estrutura gramatical depende do uso que se faz da língua, ou seja, a estrutura é motivada pela situação comunicativa (CUNHA et al., 2015, p. 21).

À procura de estabelecimento da interação, chega-se à competência comunicativa a qual levaria o linguista a elencar as funções possíveis verificáveis nos usos. Por uma questão lógica, como afirma Dik (1978), para descrevermos os usos é imperativo que descrevamos os contextos naturais de uso. Desta forma, contextos variados levariam a uma gramática emergente, em que a rigidez estrutural cederia espaço a certa fluidez, o que enfraqueceria a noção de classes gramaticais estanques.

Em relação ao conjunto de transformações que deram origem à preposição **desde**, podemos ver claramente uma emergente reconfiguração ocorrida por uma necessidade cognitiva, já que a preposição “de” que outrora servira para demarcar procedência ou origem passou a perder força em diversos contextos, passando a se empregar com a preposição “ex”. Nesse sentido, é preciso que um estudo funcionalista se dedique ao estudo da função, tais como afirmaram Wilson e Martellota, para quem:

Os estudos funcionalistas, contrariamente aos estudos formalistas, privilegiam a função sobre a forma, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística, o princípio de iconicidade tornou-se fundamental para a observação e interpretação da relação entre forma e função e para a concepção de gramática das línguas. Sendo assim, a iconicidade não se manifesta apenas na relação entre a forma e o sentido das palavras, mas também na estrutura da frase ou mesmo do texto (WILSON; MARTELOTTA, 2008, p.81).

Ademais, para Neves (1997), com base em uma releitura de Dik (1978), caberia à Linguística Funcional ocupar-se de regras semânticas e pragmáticas (BOLINGER, 1977) sem descuidar de questões morfológicas e sintáticas (MARTINET, 1969).

Ao falarmos sobre Linguística Funcional, cabe atentarmos para o processo de gramaticalização. Meillet ([1912] 1948) utilizou pela primeira vez o termo gramaticalização e divide as palavras em três grupos: as principais, acessórias e gramaticais. Há um enfraquecimento do sentido e da forma da palavra acessória que a torna “um elemento particular de sentido próprio”. Dando a palavra a condição de palavra principal e por fim, a torna gramatical. Bagnoet al. (2017) observa que o estudo da gramaticalização é um dos temas mais pautados entre os funcionalistas, tal interesse advém da influência de pensadores como Meillet (1912).

O que devemos entender como gramaticalização? A gramaticalização trata-se de um tema complexo que leva os estudiosos a analisarem aspectos fonológicos, sintáticos, morfológicos e semânticos todos dentro do discurso, visto que as estruturas da língua só ganham valores quando usados. A gramaticalização dentro do Funcionalismo estuda a difusão linguística da mudança, que espalha de forma gradual, relacionando os fenômenos linguísticos ao uso dentro da sociedade.

Inicialmente, vamos partir das considerações feitas por Neves a respeito da gramaticalização. Segundo ela,

gramaticalização, na verdade, é um termo que não se define num sentido exatamente igual nos diversos estudiosos. O termo se refere à parte da teoria da linguagem que tem por objetivo a interdependência entre *langue* e *parole*, entre o categorial e o menos categorial, entre o fixo e o menos fixo da língua. O estudo da gramaticalização, portanto, põe em evidência a tensão entre a expressão lexical, relativamente livre de restrições, e a codificação morfossintática, mais sujeita a restrições, salientando a indeterminação relativa da língua e o caráter não-discreto de suas categorias (NEVES, 1997, p. 115-116).

Nesse sentido, Neves (1997) aponta que o conceito de gramaticalização não é ponto pacífico entre os estudiosos do Funcionalismo e que nos leva a reiterar que a língua é um sistema aberto com uma gramática emergente, cujas classes nunca devem ser vistas como estanques. Ademais, a tensão a que Neves (1997) se refere não deve se restringir apenas à “expressão do léxico”, mas também aos elementos da gramática, embora reconheçamos suas restrições. Para demonstrar que tal tensão encontra-se dentro da relação morfossintática

podemos alegar como prova o surgimento de estruturas tais como: **deinter>dentro >dentro de**. Fato semelhante ocorre com a preposição **desde** e sua variante **desde de**.

Assim dito, as preposições, apesar de serem palavras invariáveis e segundo Lima (2003) não dotadas de sentido, apresentam itens gramaticais que as tornam distintas uma das outras, e, portanto, passíveis de serem analisadas segundo os princípios de gramaticalização. Vejamos os exemplos:

- (1) Veio a pé **desde** tua casa.
- (2) Está aqui **desde** muitas horas.

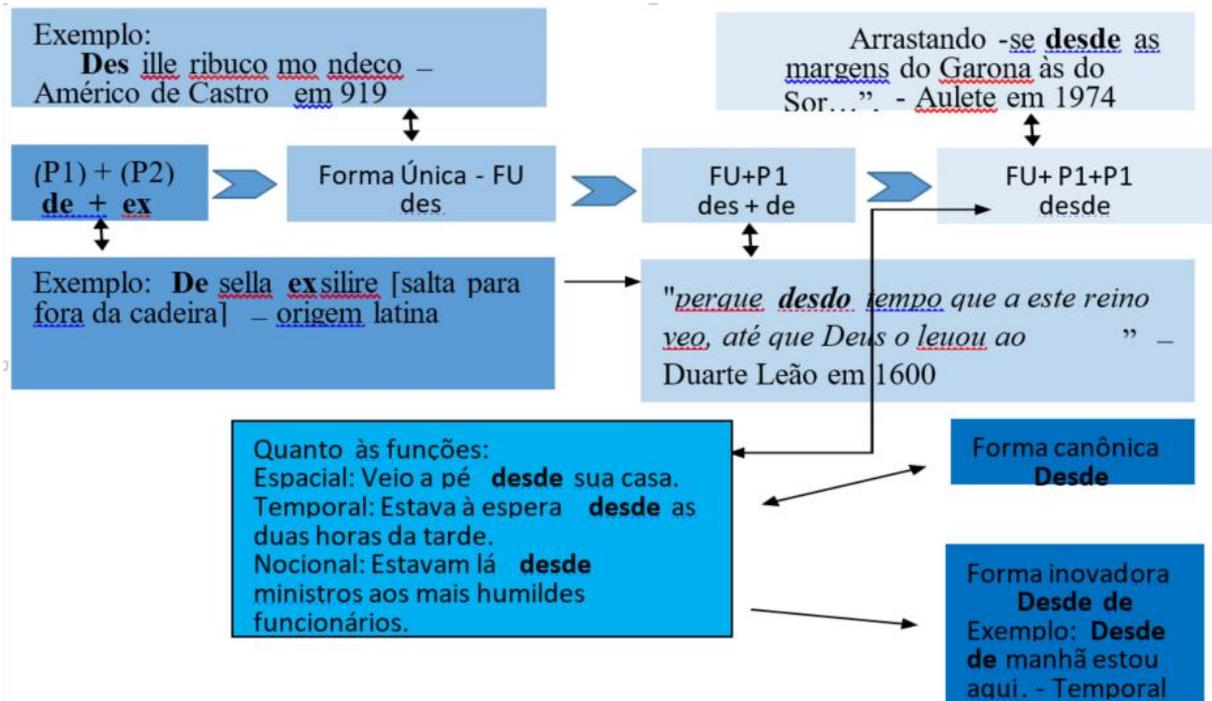
Em (1), a função do **desde** é nitidamente de espaço, enquanto que em (2) a função é nitidamente de tempo, permanecendo a noção de origem e de continuidade, respectivamente. Como vimos anteriormente, a preposição **desde**, originariamente cabível em situações de espaço, passou a indicar tempo, atendendo a uma necessidade pragmática do utente. Assim posto, o estudo da gramaticalização está diretamente ligado ao ato de descrever os novos usos, os usos possíveis dentro da comunidade de fala.

O **desde** teria surgido num flagrante caso de enfraquecimento semântico (*weakeningofsemanticcontest*) ou desbotamento (*bleaching*) (GIVÓN, 1995) da preposição “de” usada no Latim para indicar procedência com gradação e continuidade. Tal “empobrecimento”, metáfora usada por Rosário (2007), demandaria um reforço que veio da preposição “ex”, ainda no romance galaico-português, produzindo a forma “des”, o que demandaria por reforço expressivo, tal qual costumava acontecer com outras construções (antes de, depois de) resultaria da necessidade da preposição “de”, resultando no **desde**.

A preposição **desde**, através de análise diacrônica, como já vimos, passou pelo processo de gramaticalização. Em termos funcionalistas, esse processo é uma mudança resultante da variação linguística, assim como acontecera com outras preposições. A variação da preposição: *de ex>des>des de>desde* no decorrer do tempo, mostrou-nos que a mudança se consolidou, já que *des* é reconhecida apenas como arcaísmo; mas como a língua não é estática, verificamos uma concorrência com a forma **desde de**.

Com o intuito de verificar o indício de gramaticalização, bem como elencá-la em diferentes categorias de vocábulos, Hopper (1993) propõe cinco princípios para o enquadramento de determinado vocábulo no processo de gramaticalização. Aqui, faremos uma relação entre os princípios e o fenômeno estudado. Para tanto, iniciaremos a discussão usando o organograma a seguir que, depois será analisado por meio de exemplos e considerações:

Figura 2 – Percurso evolutivo da preposição **desde** com exemplos



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme a figura 2, ilustramos cada período histórico com autores das diferentes épocas, e por último trouxemos as funções apontadas por Castilho (2012) com exemplos apresentados na seção anterior. Por meio, desses exemplos discutiremos os princípios de Hopper (1993), são os princípios propostos: princípio da divergência, princípio da especialização, princípio da persistência, princípio da estratificação, e por fim, princípio da decategorização.

Segundo o *princípio da divergência*, uma forma lexical, que ocasiona o processo de gramaticalização, mantém-se como um elemento autônomo, preservando as suas propriedades originais, mas estando passível de sofrer novos processos de gramaticalização. Esse item, segundo Hopper (1991), está sujeito a qualquer outra mudança, inclusive um novo processo de gramaticalização. O item preservado entra em divergência em relação ao item gramaticalizado que o originou. Conforme o organograma, atualmente, há divergência nas formas **desde de** com a forma canônica **desde**. Assim sendo, podemos supor que está em processo de ocorrer uma nova gramaticalização.

O *princípio da especialização* está ligado ao estreitamento da escolha entre lugar de outra forma com o mesmo domínio funcional. A forma **desde de** é a forma especializada da preposição **desde**, visto que estreita o direcionamento de diversos sentidos, como espaço, tempo e noção, para apenas o sentido de tempo.

De forma bastante genérica, em relação à *deategorização*, podemos dizer que se trata da redução ou “perda” da categoria de formas, neutralizando marcas morfológicas e assumindo categorias plenas com características próprias ou categorias secundárias. No caso da preposição **desde**, especificamente, não houve mudança de categoria, nem redução, nem perda de marcas morfológicas, diferentemente de diversas preposições que eram advérbios e passaram a desempenhar papel de preposição.

O sentido de estratificar é expor em camadas, logo, as camadas presentes na mudança “engatilhada” pela gramaticalização é a coexistência entre a forma-fonte (antiga) e a forma gramaticalizada (nova), num mesmo domínio funcional sem necessariamente que uma substitua a outra. Conforme explanação da seção anterior, onde fizemos um percurso histórico da preposição **desde**, no século X, justamente no período que houve a criação românica dessa preposição, notamos a estratificação das formas, *de ex* (forma antiga) era utilizada no mesmo período que a forma *des*(forma nova), o que justifica a mudança ocorrida. E, atualmente, podemos perceber que no uso popular as pessoas usam formas canônicas (**desde**, **desde que**) e mais gramaticalizadas (**desdede**, **derde**). Num domínio funcional permanecem no mesmo patamar, entretanto se divergem no âmbito fonológico com redução, e intensifica a forma na ampliação de mais uma marca morfológica, indicada pela repetição da preposição *de*.

O *princípio da persistência* é o que indica a permanência de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada. O significado original persiste o mesmo, apesar de a forma ter passado pelo processo de gramaticalização acaba aderindo à forma gramaticalizada. Como notamos no organograma, mesmo tendo passado por um processo de variação e, posteriormente, mudança, a preposição **desde** persiste em manter a ideia original das preposições latinas de movimento que lhe deram origem, quer seja no espaço ou no tempo.

Os cinco princípios de Hopper não se manifestam na preposição **desde** como forma simples, porém reafirmam o processo lento, mas significativo da preposição em estudo. Também, o encaixamento de itens mais gramaticais na forma menos gramatical, tornando-a mais gramatical ainda.

Na próxima seção falaremos sobre os métodos utilizados para o desenvolvimento da análise dos dados coletados.

4 METODOLOGIA

Após considerarmos o fenômeno linguístico em análise, ou seja, a variação **desde** e **desde de** na Língua Portuguesa, em seus usos linguísticos e nos estratos sociais, passamos a discutir as teorias que serviram de lastro para nossa análise. Nessa seção, vamos apresentar os procedimentos metodológicos com que trabalhamos para apresentar o quadro de variação e possível mudança no cotejo entre duas normas do Português Brasileiro: o Popular e o Culto.

Segundo Labov (2006 [1972]), em seu clássico estudo sobre os Padrões Sociolinguísticos, a variação linguística ocorre quando temos a possibilidade, num mesmo contexto, de utilizar duas ou mais formas distintas com o mesmo valor referencial, atribuindo-lhes o mesmo valor, em termos labovianos, o mesmo valor de verdade. A essas formas distintas, alternativas, dá-se o nome de *variantes*. Embora cada variante, para ser considerada como tal, deva ter o mesmo valor linguístico, as variantes podem não gozar do mesmo prestígio social e, em muitos casos, serem consideradas um estigma, ou estereótipo.

Tarallo (1997), a respeito dessa possibilidade de valoração de uma forma em relação a outra, utiliza a metáfora do “duelo” em que, por exemplo, duas formas em variação comportam-se “lutando” pela sobrevivência. Tal qual um duelo, na metáfora do autor, haveria um momento de coexistência (o embate) e, posteriormente, a etapa de sobrevivência, quando apenas uma forma restaria.

A atribuição de valor negativo ou de valor positivo a uma variante geralmente se dá pela influência de questões extralinguísticas, tais como aquelas ligadas ao capital cultural (BORDIEU, 2006) cujos valores o grupo de utentes manifesta por meio de sua linguagem ou por sua forma de falar. De outra sorte, valores linguísticos prestigiados revelam o *prestígio social* da classe ou do grupo que usa a forma linguística; assim, embora possa figurar no mesmo espaço linguístico, o espaço social reserva-lhe restrições decorrentes da classe social.

Em relação a nosso objeto de estudo, podemos ver que a preposição **desde** pode realizar-se em Português do Brasil em quatro formas, registradas e documentadas pela literatura. A primeira considerada canônica é aquela preconizada pela tradição gramatical, a qual sofreu um processo de gramaticalização e reconfiguração na Ibéria. A segunda é tida como sua variante, em que entra em jogo novamente a aposição da preposição “de” como forma de reforço da estrutura até então registrada pela tradição. A terceira é citada por estudos dialetológicos e se refere a uso de um grupo dialetal de baixa escolaridade (AMARAL, 1930, p. 93). A quarta também pertence aos usos populares, mas, segundo o próprio testemunho de

Amaral (1930), registra-se no Nordeste do Brasil, mas se encontra apenas anotada em versos de Catulo da Paixão Cerareense, como no poema *Terra Caída* (1863 – 1946) por exemplo:

É trabaiá, trabaiá,
dendê que rompe a minhã

Nesse sentido, temos as seguintes estruturas:

(a) **Desde**

(b) **Desde de**

(c) Derde

(d) Dende

A presença de duas (ou mais) formas alternativas, variantes linguísticas, configura um fenômeno *variável*. A variável sobre a qual o pesquisador lança suas hipóteses principais é chamada de variável dependente, ou seja, aquela sobre a qual o pesquisar necessita saber mais. Inicialmente, em nosso estudo, não postulávamos a existência de formas em variação, já que nosso intento era descrever as funções da preposição **desde** dentro da história interna do Português. Entretanto, passamos, após contato com o *corpus* de análise, a perceber a presença da construção **desde de** o que nos levou a fazer novo direcionamento, voltando-nos para a variação entre o **desde** e sua forma alternativa **desde de**.

Seguindo a proposta da Teoria Variacionista, empreendemos, também, descrever e analisar os fatores condicionantes da variação e da possível mudança. Para tanto, consideramos a existência de variáveis independentes. São as *variáveis independentes* que exercessem pressão, aumentando ou diminuindo a frequência de ocorrências de uma das variantes (MOLLICA, 2007, p.11), podendo ser de ordem linguística (estrutura do constituinte, valor semântico, posição) e de ordem extralinguística (geográfica, gênero, idade, nível de escolaridade, classe social, etnia etc.).

Na composição de uma variável, nem todas as variantes possuem a mesma força motivadora de mudança. Tal força se configuraria pelo valor positivo que, no duelo citado por Tarallo, prevaleceria ante a emergência dos usos linguísticos, como comenta Mollica (2007):

As variantes podem permanecer estáveis no sistema (as mesmas formas continuam se alterando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma forma desaparece. Nesse caso as formas substituem outras que deixam de ser usadas, momento em que se configura um fenômeno de mudança em progresso (MOLLICA, 2007, p. 11).

À Sociolinguística caberia, segundo Weinreich et al. (2006 [1968]), verificar, através da análise estatística das ocorrências, quais variantes atuam efetivamente na formação de variáveis (como a ausência ou presença de marcas de concordância verbal na terceira pessoa) e identificar se o fenômeno que envolve as variantes e variáveis corresponderiam a uma mudança em curso ou se corresponderiam a uma situação estável.

Para alcançarmos nosso intento, vamos apresentar em sequência os procedimentos metodológicos e discutir a seu tempo os fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes da variação, fazendo referência às hipóteses norteadoras que sustentam o controle de cada variável.

4.1 Procedimentos Metodológicos

Para lidar com as discussões sobre a preposição **desde** foram realizados procedimentos metodológicos, que ora passam a ser descritos:

1. Levantamento bibliográfico em dicionários, gramáticas (históricas, normativas, descritivas), manuais dialetológicos e filológicos, textos específicos de dialetologia do Português do Brasil;
2. Leitura atenta das entrevistas que constituem o *corpus* desta pesquisa. As entrevistas fazem parte dos *corpora* do Português Popular de Vitória da Conquista e do Português Culto de Vitória da Conquista;
3. Retirada das ocorrências destacando-se os contextos em que aparecem;
4. Elaboração de grupos de fatores;
5. Levantamento de hipóteses sobre grupos de fatores;
6. Elaboração de chave de codificação;
7. Codificação;
8. Submissão da codificação ao Programa *GoldVarb X*;
9. Representação de resultados por meio de tabelas e gráficos;
10. Elaboração final de explicações.

No que diz respeito aos métodos empíricos, vamos descrever quais métodos adotamos baseados na corrente teórica da Sociolinguística. Como instrumento de quantificação de dados para análise utilizamos o *GoldVarbX*. Mas a análise neste estudo, também, será baseada nos estudos linguísticos realizados anteriormente, e abordados na Seção 2.

Falaremos sobre as questões sócio-históricas, na seguinte ordem: comunidade de fala, a coleta de dados, e as entrevistas. Em seguida, abordaremos concepções sobre o que é norma

culta e norma popular, e algumas reflexões sobre o assunto. Por último, trataremos em particular sobre os aspectos linguísticos da preposição **desde** e suas variedades: as variáveis linguísticas (**desdevsdesde de**) e extralinguísticas.

4.1.1 Comunidade de fala

A segunda maior cidade do interior da Bahia, Vitória da Conquista, fica na região Sudoeste da Bahia, a aproximadamente 518 Km da capital baiana. Segundo o último censo do IBGE (2010), Vitória da Conquista tem a terceira maior população do estado baiano, e estimativas apontam que a população tenha crescido em torno de 48 mil pessoas nos últimos anos. Esse crescimento se dá por fatores como: economia, educação, trabalho e saúde; boa parte das pessoas vem de regiões circunvizinhas em busca de melhores condições e usufruto desses serviços.

Em seu artigo “Comunidade de fala do vernáculo conquistense: concordância nominal de número”, Guimarães e Silva (2015) resumem aspectos históricos e sociais do município como indispensáveis para uma análise linguística. Segundo os autores:

Nesse sentido, com relação à população de Vitória da Conquista que se encaixa no perfil de utente popular da língua portuguesa, podemos afirmar que (1) tem sua origem diretamente ligada às movimentações populacionais decorrentes de atividades econômicas e que (2) a constituição dos bairros mais periféricos não se deu de forma única, isto é, nem totalmente pela migração campo-cidade nem pela realocação dos menos favorecidos (GUIMARÃES; SILVA, 2015, p. 2824).

Assim sendo, a comunidade de fala de Vitória da Conquista é diversificada em falares e cultura. Sem falar da influência dos índios mongoiós e imborés que habitavam nesta região, e dos negros que foram trazidos e vieram para trabalho escravo. De acordo com Guimarães e Silva (2015), os agentes sociais de grande importância na construção da história do município foram os vaqueiros e tropeiros que circulavam pelos arredores da cidade, fortalecendo e trazendo influências para a zona rural de Vitória da Conquista. Sem dúvida, esses grupos contribuíram para formação da identidade linguística conquistense.

4.1.2 A coleta de dados e entrevistas

A coleta de dados foi realizada pelo *Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo*– Grupo Janus, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia do Campus de Vitória da Conquista. Esse grupo conta com alunos do curso de Graduação em Letras Vernáculas e Modernas, e de diversos cursos da área das Ciências Humanas, também são pesquisadores do Janus, alunos do curso do mestrado profissional em Letras e do mestrado acadêmico em Linguística.

Com o intuito de termos dados relacionados à realidade em que vivemos, optamos pelo *Corpus* do Grupo *Janus*, com 24 entrevistas, sendo elas, 12 do Português Popular e 12 do Português Culto. Consideramos falantes do Português Culto os informantes que têm mais de 11 anos de escolarização, ou seja, que tenha concluído o ensino médio e continuaram numa carreira acadêmica; os falantes do Português Popular são os que tiveram menos de 5 anos ou nenhuma escolarização. Como já foi dito, a distinção leva em consideração o nível de escolarização dos informantes. Além da escolarização, extraímos aspectos relacionados à sexo e à idade. O fator sexo é de importância, visto que as mulheres tendem a utilizar mais a norma culta. E, no que corresponde à idade, temos três faixas etárias distintas: faixa 1, com idade de 18 até 35 anos; faixa 2, com idade entre 36 e 70 anos, e faixa 3, que são aqueles informantes com mais de 70 anos.

As entrevistas são realizadas em ambiente designado como neutro, ou seja, as perguntas giram em torno da própria realidade do informante, fazendo com que ele converse informalmente. Geralmente, os informantes pertencem ao grupo de convívio do entrevistador. Tal estratégia, muito eficiente nos estudos linguísticos, torna possível a extração de elementos que caracterizam a fala cotidiana do falante, e que, agrupados, caracterizam a fala de determinado grupo ou região.

4.2 Fatores Linguísticos

Para fins desta pesquisa, consideramos a possibilidade de os falantes do português de Vitória da Conquista poderem empregar em mesmo contexto linguístico e com mesmo valor “de verdade”, em termos labovianos, as formas: **desde** e **desde de**. Consideramos a forma **desde** como a forma canônica, preconizada pela gramática e mais recorrente na língua, a despeito da existência da forma **desde de** estar presente na Língua Portuguesa desde o século

XVIII, inclusive em Portugal. Esta última forma seria mais inovadora e acompanharia a tendência verificada na própria gênese de preposição **desde** na Ibéria:

Variante canônica (preconizada pela tradição gramatical) – **desde**.

Variante inovadora (seguindo a gênese da construção de desde) – **desde de**.

Em relação às formas possíveis **derde** e **dende**, por se tratarem de construções que remetem aos valores rurais, não são previstas em nosso intento, a não ser na fala dos mais velhos em que os laços com o meio rural são mais marcantes. Nesse sentido, tais formas, se forem encontradas, devem ser separadas para posteriores comentários.

4.2.1 *Estrutura do constituinte*

A fim de controlarmos essa variável, postulamos que a complexidade de configuração dos constituintes pode ser um fator condicionante do uso da forma canônica. Assim, catalogamos as seguintes estruturas:

[Preposição + Determinante + Numeral]

- (a) [Preposição + Determinante + Substantivo]
- (b) [Preposição+ Numeral]
- (c) [Preposição + Substantivo]
- (d) [Preposição + Adjetivo]
- (e) [Preposição + Determinante + Pronome]
- (f) [Preposição + Advérbio]
- (g) [Preposição + Pronome+ Adjetivo]

O controle desse grupo de fatores vem atender a um duplo objetivo. O primeiro representa um dos postulados do Funcionalismo em compreender que estruturas estão em maior frequência de uso. Rosário (2017, p. 150) reafirma tal objetivo ao dizer que, ao demonstrar a frequência (de ocorrência ou de tipo) de um item observado, o pesquisador pode compreender os níveis de possibilidade de mudança no fluxo dinâmico da língua em uso. Assim, uma análise formal de fatores estruturais em sua composição interna no nível morfológico propicia ao analista uma forma de ver em que estruturas a preposição **desde** e sua variante **desde de** se encontram em pleno uso.

O segundo objetivo refere-se à possibilidade de a forma inovadora estar em contextos linguísticos estruturais mais concretos em relação ao meio biossocial, formados por mais de um elemento, o que denotaria maior trabalho cognitivo de representação e de compreensão. Torna-se oportuno lembrar, nesse sentido, a lição de Oliveira e Votre (2009) para quem, no

jogo de usos linguísticos, entraria um maior ou menor grau de configurações das construções resultante de pressões diversas. Ora, supomos que estruturas mais concretas exijam do utente maior concentração cognitiva, o que o levaria a estruturar conscientemente os recursos morfológicos presentes em sua fala.

4.2.2 Função/valor da preposição

Inegavelmente como nos informa Castilho (2011), as preposições nas línguas românicas vão dar conta de suprir espaços outrora deixados pelos locativos e por sua forma supérstite: o ablativo. Na história das línguas românicas na Ibéria (BASSETO, 2010), algumas preposições desapareceram, mas deixaram vestígios. Outras conservaram a forma com extensão de sentido e outras sofreram modificação na forma e no sentido, dando origem a novas preposições não vistas no velho latim. Vejamos os exemplos de cada um dos tipos de preposições:

- a) *Ex* desapareceu na România, mas deixou vestígios em *des* (*de + ex > des*);
- b) *De* conservou a forma, mas passou a indicar posse, substituindo o genitivo;
- c) *De* ao unir-se com *ex* tornou-se *des* e passou já no Português Arcaico a ser suplantada pela forma **desde**.

Em todas essas situações, tais preposições em sua gênese possuíam sentido locativo. A ideia de tempo a elas aplicada foi uma decorrência de extensão de sentido. Desse modo, ao controlarmos esse grupo de fatores, postulamos três valores atribuídos às preposições **desde** e **desde de**:

Espaço

- (a) Tempo
- (b) Noção

O valor de espaço é o primeiro sentido apontado pelos estudiosos para classificar as preposições. Não seria diferente em relação à preposição **desde** e sua variante **desde de**. Consideramos também o valor de tempo, utilizando o esquema por nós elaborado na Seção 1, **O fenômeno**.

Em relação à classificação noção, consideramos os casos em que tanto a preposição **desde** quanto sua variante **desde de** referem-se a uma escala de inserção de elementos em conjunto ou indicam o extremo de uma escala, tais como: “*desde o filho até o marido*”.

4.3 Fatores Extralinguísticos

No âmbito deste estudo, consideramos três variáveis extralinguísticas ou sociais, a saber: sexo, escolaridade e faixa etária.

4.3.1 Sexo

Nas pesquisas sociolinguísticas, o que se tem observado é que as mulheres (F) fazem mais uso das formas mais conservadoras do que os homens (M). O que pode ser atestado, por exemplo, nos trabalhos de Scherre (1988), Fernandes (1996), Martins (2013), entre outros estudos.

Nossa hipótese é a de que as mulheres tendem a empregar a forma canônica **desde** em detrimento da forma inovadora **desde de**.

4.3.2 Escolaridade

Trabalhos nacionais, especificamente, em Vitória da Conquista, como: Santos (2013), Guimarães (2015) e Meira (2016). Seus estudos são unânimes em reconhecer que quanto mais escolarizado o indivíduo mais ele tende a se aproximar das formas canônicas ou de prestígio. Nesse sentido, partimos da hipótese de que os falantes do Português Culto tendam a empregar mais a forma canônica e que os falantes do Português Popular tendam a empregar a forma não canônica **desde de** em detrimento da forma canônica **desde**.

Organizamos essa variável, em nosso estudo, considerando os seguintes níveis de escolarização:

- ✓ Menos de onze anos de escolaridade ou nenhuma escolaridade ou Português Popular (PPVC).
- ✓ Mais de onze anos de escolaridade: formação em curso profissionalizante ou formação em nível superior ou Português Culto (PCVC).

4.3.3 Faixa etária

Meira (2016), ao tratar da variação da concordância nominal, assim se refere aos estudos sociolinguísticos que tomam a faixa etária como grupo de fatores a ser controlado:

O que se tem observado em muitas análises sociolinguísticas realizadas em estudos que lidam com a variação na concordância nominal é que, em se tratando da variável faixa etária, temos, de um lado, um padrão curvilíneo em que a indicação é justamente de variação estável, conforme se pode notar em Scherre (1988), por exemplo; de outro lado, há uma indicação de mudança em curso rumo a um sistema com ou sem presença de marcas formais de plural, sugerindo, com isso, um padrão linear. As pesquisas de Fernandes (1996), Lopes (2001), H. Carvalho (1997), Brandão (2011), entre outras, se inserem em tal padrão (MEIRA, 2016, p.65).

Nesse sentido, postulamos que os mais jovens apresentem uma tendência de usar a forma historicamente mais inovadora, isto é, **desde de**, enquanto que os mais velhos recorram à forma canônica.

Faixa I – até 35 anos

Faixa II – de 35 a 70 anos

Faixa III – Mais de 70 anos

Em síntese, após a leitura de cada entrevista, montamos dois grupos de dados para a quantificação, codificação de dados e para uma comparação entre as ocorrências no Português Culto (*corpus* PCVC) e no Português Popular (*corpus* PPVC). Levamos em conta, o critério de que as entrevistas concretizam uma norma, presente nos grupos de falantes. Segundo Preti (1994, p. 30), a norma é o ponto de chegada do processo de uniformidade e nivelamento da língua. A própria sociedade se encarrega de preservar o uso, que ela própria estabeleceu. Ou seja, a norma se enquadra naquilo que é comum a todos do mesmo grupo, que, no caso do estudo da preposição **desde**, os grupos usem significados, forma e funções semelhantes.

4.3.4 Norma Culta e Popular

No que se refere à utilização do termo culto e popular, como foi dito anteriormente, diz envolve os níveis de escolarização dos informantes. Não podemos estudar a língua sem relacioná-la à vivência dos falantes. A maneira que usam a língua reflete a sua história, a sociedade e sua cultura. Assim, culto se refere aos informantes que pertencem à camada elitizada da sociedade, que obteve estudos e condições sociais e históricas que favoreceram a manutenção do indivíduo na escola.

Por outro lado, popular refere ao povo, que, infelizmente, não teve oportunidade de obter escolarização, porque teve que trabalhar prematuramente, por questões sociais e da história de vida dos informantes. São pessoas que formam uma grande parte da população nacional e de município de Vitória da Conquista. O termo não se refere que os informantes

tenham menos cultura, ou não a tenha, mas que não pode e não tem as mesmas oportunidades que o grupo falante do Português Culto.

Ao conceituar o emprego de popular, neste estudo, recorreremos à Silva (2011) que soluciona possíveis problemáticas: “[...] o termo popular sempre está associada à oposição ao culto, ao aristocrático, à elite. Ao nomearmos uma língua de popular, estamos assumindo que há uma diferença perceptível na forma de falar do povo e do não-povo ou elite ou camada culta” (SILVA, 2011, p. 3).

A seção seguinte compreende a análise dos dados conforme indicaram os métodos explanados nesta seção.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos da análise quantitativa da mensuração das ocorrências da preposição **desde** e de sua forma variante **desde de**. Dividimos em subseções que facilitarão as discussões propostas por nós, e, nesta dissertação, assim temos:

1. A preposição **desde** nos *corpora* em suas diversas formas;
2. O uso e suas funções no falar conquistense;
3. **Desde** vs **desde de**;
4. Outras variantes da preposição **desde**.

Como vimos na primeira seção, a preposição **desde** pertence à classe fechada de palavras, ou seja, à classe de palavras que não aceitariam novos membros e que não aceitam criações a todo momento do ponto de vista linguístico. Entretanto, ela foi derivada de um processo de construção, obviamente, um processo mais demorado, perpassando vários períodos históricos. Mesmo assim, as preposições resignam-se à mudança linguística e a torna uma palavra com “baixa possibilidade”, segundo a terminologia usada por Ilari e Castilho. Vejamos o que a esse respeito dizem os autores:

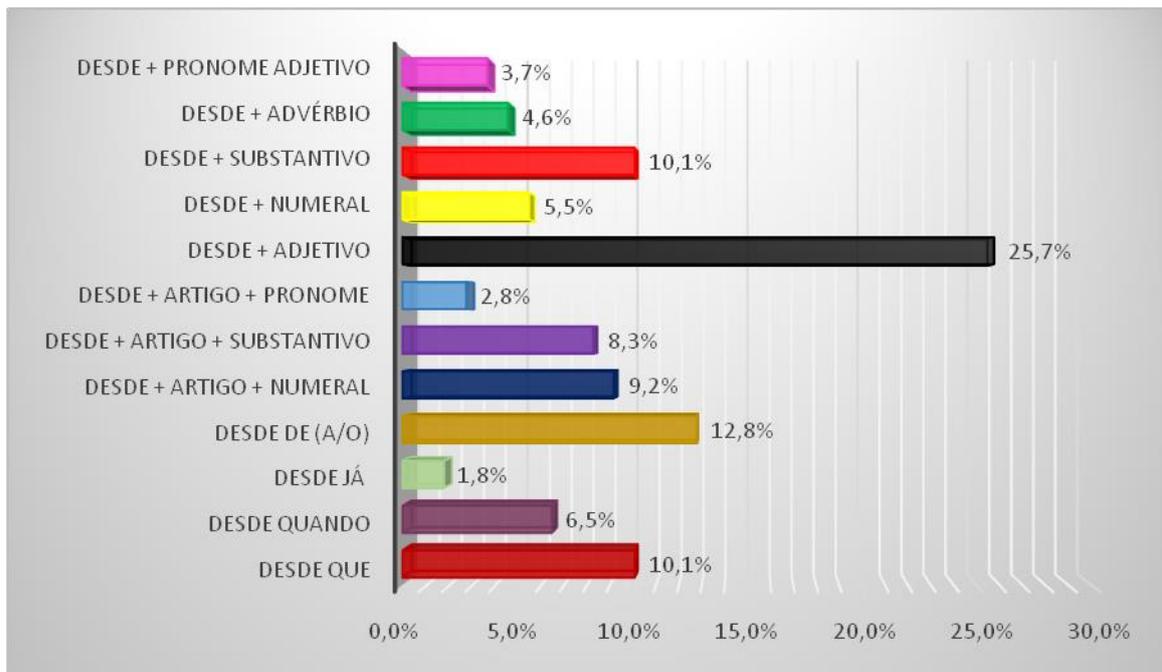
Criar uma locução prepositiva ainda parece ser uma tarefa possível, porque temos intuições sobre os seus componentes. Pode-se substituir uma preposição por outra, como, por exemplo, ao redor de, por redor de, ou ainda, substituir os substantivos, como, por exemplo, em oposição a, em contrário a. Criar uma nova preposição é uma tarefa árdua, porque nossa competência linguística não nos diz quais são os blocos básicos que podemos manipular (ILARI; CASTILHO, 2001, p.630).

Conforme a análise dos *corpora*, a forma mais recorrente é a variante **desde de** que não é canônica, não se encontra em nenhum dicionário. É interessante notar que é uma nova combinação semelhante ao que ocorreu com a forma românica. O processo de variação desencadeia a mudança, sendo **desde de** uma variante de **desde** que poderá desencadear mudanças futuras. Será uma mudança muito mais lenta, visto que o nível de gramaticalização e frequência de uso são baixos.

5.1 A preposição *desde* nos *corpora* em suas diversas formas

Foram encontradas, nos *corpora*, o total de 107 ocorrências da preposição **desde**. Para manuseio dos dados, separamos todas as aparições da preposição estudada, segundo a estrutura que a segue. Assim, chegamos às seguintes estruturas e aos seguintes percentuais:

Gráfico 1 – Estruturas formadas pelo **desde** nos *corpora* do Português Popular e Culto



Fonte: Elaborado pela autora.

Das 107 ocorrências da preposição **desde**, temos: locuções **desde que**, **desde quando**, **desde já**, **desde de**; formas simples: **desde**+ artigo + numeral, **desde** + artigo + substantivo, ou **desde** + artigo + pronome, **desde** + adjetivo, **desde** + numeral, **desde** + substantivo, **desde** + advérbio, ou **desde** + pronome. Para exemplificar o grupo de fatores “estrutura do constituinte”, do gráfico 1, constatamos os seguintes itens:

- (a) [Preposição + Determinante + Numeral]
 “**desde os dez** anos a gente vem trabalhando”. (WOS, 41 anos, PPVC, M)
- (b) [Preposição + Determinante + Substantivo]
 “então **desde o começo**” (PARC, 50 anos, PCVC, M)
- (c) [Preposição+ Numeral]
 “**Desde onze** anos que eu vivo aqui na Bahia” (ESB, 45 anos, PPVC, F)
- (d) [Preposição + Substantivo]

“**desde criança** bem criancinha mesmo a gente vai pra praia...” (CBS, 21 anos, PCVC, F).

(e) [Preposição + Adjetivo]

“eu acho bonito é que quando a pessoa é **desde pequeno** começa estudar”(WOS, 41 anos, PPVC, M).

(f) [Preposição + Determinante + Pronome]

“eu já me acostumei, né, **desde a minha** infância que eu tô aqui, pra mim, foi assim... (ACMG, 42 anos PCVC F, F).

(g) [Preposição + Advérbio]

“eu não gosto de novela, **desde antes**” (AAB. 38 anos, PPVC F).

[Preposição + Pronome]

“é uma das profissões que são atribuídas à mulher **desde toda** vida” (LSS, 37 anos, PCVC).

A segunda estrutura mais utilizada é a forma mais inovadora, **desde de**, e falaremos mais especificamente, mais adiante na subseção 3. As formas **desde + que** e **desde + quando** não serão aprofundadas neste estudo, visto que, se tratam de locuções conjuntivas, nem tão pouco abordaremos a forma **desde + já** que se trata de uma locução adverbial. Abordaremos somente as preposições, nesta subseção. As preposições, advérbios e conjunções, conforme a seção inicial desta dissertação indica, apresentam em sua gênese uma estreita relação, por possuir a mesma base e pode gerar novos significados a **desde**.

Percebemos que a forma mais usada é a forma **desde+ adjetivo** (25,7%), sendo que, nas ocorrências analisadas, o adjetivo mais usado é *pequeno* (a). Na intenção de manter o afastamento temporal, e levar o interlocutor a refletir sobre a infância relatada, os utentes utilizam-se desse recurso linguístico. Similarmente a **desde + pequeno(a)**, **desde + substantivo** é usado com frequência (10,1%) seguido do nome *criança*, podendo ser justificada que tais formas, indicam apenas uma forma **desde + substantivo: desde infante** (criança ou pequeno).

Observemos que, os exemplos (a), (b), (c), (d), (e), (f), (g), (h), tendem a indicar o sentido de movimento no tempo, especificamente, uma relação de afastamento entre algo ocorrido no passado e o presente. Outro ponto relevante observado é que a estrutura **desde + pronome** se assemelha semanticamente à estrutura do **desde + advérbio**. Sendo que, seguido de **advérbio** o **desde** é muito mais frequente (4,6%) do que a forma **desde + pronome** (3,7%). Recorremos a Macambira (2001) para compreendermos tal comportamento:

O conseqüente (termos posteriores a preposição) é sempre um substantivo ou coisa equivalente. [...]. Usado como conseqüente, o advérbio perde seu caráter adverbial, reduzindo-se a mero pronome Advirta-se que todo advérbio contém implicitamente certa preposição (MACAMBIRA, 2001, p. 66).

Por esse motivo, ambas as formas se empregam com o mesmo sentido. Podemos afirmar que, somados os valores, seriam tão frequentes quanto à forma **desde + artigo + substantivo** (10,1%). Confirmamos quando recorremos aos *corpora* substituímos os vocábulos posteriores ou termos conseqüentes, sem alteração de sentido, conforme indicam os exemplos abaixo:

(1) Brasil, na sua formação, *desde sua formação*, ele sempre foi um país mestiço (LCS, 20 anos, PCVC, F).

Brasil, na sua formação, *desde outrora* (*antes, antigamente*) ele sempre foi um país mestiço. – *grifo nosso*.

(2) eu prefiro coisas mais antigas **desde sempre**. (FLSB, 19 anos, PCVC, M) eu prefiro coisas mais antigas *desde o princípio*. – *grifo nosso*.

O jogo de palavras mostra claramente que, no exemplo (1) a estrutura **desde + pronome + substantivo** pode ser substituída por **desde + advérbio**, visto que o advérbio perde suas características de indicação de circunstâncias ligadas ao verbo e passa a ser caracterizado como nome. Já no exemplo (2) percebemos que pode haver a substituição por substantivo sem alteração de sentido, obviamente poderíamos suprimir o uso do pronome *sua* e substituir por um determinante, tornando os dois exemplos similares.

A presença do determinante na estrutura é de suma importância para o falante, visto que, tal recurso possibilita especificações, que não seriam possíveis se não fosse utilizado. Na maioria das ocorrências que apresentam estruturas compostas por determinantes, indicam tempo. O que torna o uso de determinantes, um recurso locativo para especificar um ponto de origem. Como podemos ver no exemplo:

(3) Daí já deu errado **desde a hora** que eu saí. (AAB. 38 anos, PPVC, F)

Em (3) a hora que a informante saiu é a marcação de origem (ponto) para que as coisas dessem erradas, sendo que casos específicos como este não possibilitam a supressão do determinante. O que difere do uso da preposição **desde + artigo + numeral**, onde o uso é facultativo, como em (4), visto que toda a estrutura que apresenta numeral se relaciona a tempo, ponto de origem para indicação de movimento de afastamento:

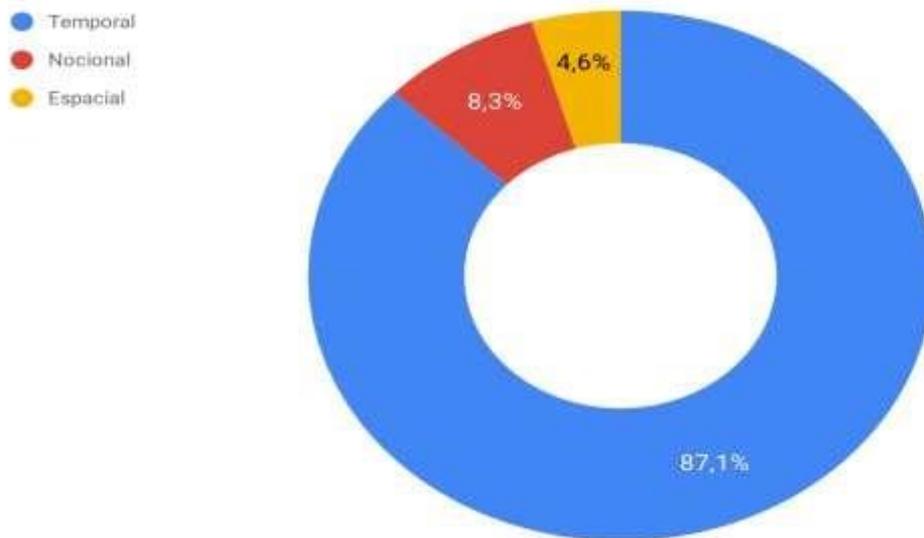
(4) Ah, **desde os quatorze** anos (ASA, 39 anos, PCVC, F).

Na forma que combina a preposição desde + artigo + numeral (9,2%) a quantidade de ocorrências é maior do que a combinação desde + numeral (5,5%), seguindo o gráfico 1, a preferência dos falantes se deve a utilidade do artigo em determinar o nome que o segue. E sendo os numerais especificadores de quantidade, ordem e tempo, essa formação do **desde** serve para determinar o específico (sendo datas, idades, ordem) também é comum a expressão “**desde** a primeira vez”.

5.2 O uso do desde e suas funções no falar conquistense

Seguindo a figura (2), pontuamos 3 funções para a preposição **desde**, estas funções estão relacionadas às categorias cognitivas desta preposição, são elas: espacial (prototípica), temporal (forma que sofreu migração processual) e nocional (uso com sentido de gradação – *cline*). Os resultados nos *corpora* do Português Popular e Culto são apresentados no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Funções da preposição **desde** nos *corpora* do Português Popular e Culto



Fonte: Elaborado pela autora.

Confirmando nossas hipóteses apresentadas, a função temporal apresenta maior índice de ocorrências (87,1%). Paradoxalmente, a função espacial, que seria a primeira função adotada pela preposição **desde** em sua formação, é a que apresenta menor percentual no falar de Vitória da Conquista (4,6%), em contraponto à função nocional (8,3%), que seria a mais inovadora. Porém, esse percentual está relacionado ao uso das locuções conjuntivas (desde

que, desde quando) e locução adverbial (desde já), pois indicam sentidos variados, a exemplo da condição:

(5) O trote seria uma coisa assim boa, **desde que haja aceitação** de ambas as partes (JDBF, 54 anos, PCVC, M).

O exemplo (5) traz um período formado pela subordinação da segunda oração, em relação a primeira, em que seguindo uma análise sintática, seria classificada como uma oração subordinada adverbial condicional, em que o sentido está relacionado a aceitar ou não condições para classificar o trote como algo bom. Podemos afirmar que, alguns verbos exigem como forma expressiva a locução conjuntiva **desde que**, a exemplo, “**desde que** nasci”, cuja função é temporal, “**desde que** haja”, em que tem função nocional (condição), “**desde que** me entendo por gente”, expressão popular cuja função temporal é intensificada pelo contexto. O tempo verbal que aparece no verbo conseqüente a **desde que** também aponta uma mudança de função, como temos em (6) onde a função temporal não é perdida:

(6) “Eu me identifico muito com história. Eh... **desde que** eu estudava... era uma das matérias que eu mais gostava e me dava bem” (ASA, 39 anos, PCVC F).

Na forma **desde quando** temos dois termos indicadores de tempo juntos que formam uma locução conjuntiva, também de base prepositiva. Segundo a forma canônica, utiliza-se **desde quando** para introduzir frases interrogativas, também, após gerúndio ou a partir de determinado tempo passado com o sentido de “a partir de quando”. Nos *corpora*, encontramos os seguintes exemplos:

(7) “**Desde quando** eu entrei” (MMS, 26 anos PPVC M).

(8) “Bem assim, **desde quando** a pessoa anda certinho só tá cada vez melhores” (RTN, PPVC, M) - encontramos, a informante apropria-se da mesma norma.

(9) “Repare bem, o ser humano ele é curioso do saber **desde quando** ele nasce” (AI, PCVC, F).

No exemplo (7), a locução **desde quando** introduz uma afirmação, mas indica passado. Encontramos exemplos em que os informantes usam a locução conjuntiva **desde quando** e o verbo no tempo presente, tanto no *corpus* do Português Popular (8) quanto no Português Culto (9).

Em contraponto, a forma **desde já** determina o tempo presente. No *corpus* do Português Popular não foi encontrada nenhuma ocorrência, e no Português Culto há esta locução, e também ocorrências com a presença dos termos ‘hoje’ e ‘presente’ no mesmo período. Geralmente, no Português Popular os falantes preferem **desde quando** para indicar o mesmo sentido de **desde já**.

Não somente as estruturas compostas (locuções) apresentam função nocional. Há ocorrências em que a forma simples designa gradação. Vejamos no exemplo abaixo como o informante usa a gradação para comentar a respeito de estilos musicais:

(10) “lá tem de tudo um pouco **desde** forró... sei lá samba eh... passando por vários estilos, vários gêneros...**desde** muleque né, e acho isso”(LOF, 21 anos, PCVC, M).

No primeiro uso, o **desde** aponta o ponto inicial, o nível mais baixo, pelo fato de forró ser um estilo popular, o mesmo acontece com o samba que é, também, popular; a outra ocorrência “**desde** muleque”, equivalente a “**desde** criança”, expressão usada comumente pelos falantes nesta pesquisa, expressa informalidade.

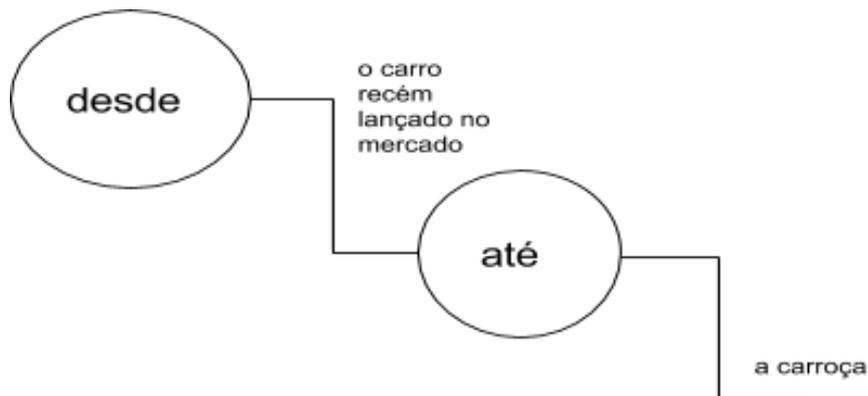
Analisaremos agora, a forma **desde... até** que podem nos levar a novas discussões sobre o uso e funções. Observe os exemplos (11) e (12):

(11) **Desde** o carro que tá recém lançado no mercado **até** uma carroça, um animal se você quis é comprá você encontra, onde comprar, né?” (OSR, 34 anos, PCVC, M).

(12) **Desde** os fabricantes daquelas coisinhas de enfeitá rua, de bandeirola pra enfeitá rua, **até** os fabricantes de fogos de artifício, né?” (OSR, 34 anos, PCVC, M).

Para tal, usaremos um esquema exemplificador, para os seguintes exemplos indicam a função nocional. O falante do Português Culto usa **desde... até** para indicar uma comparação de inferioridade sem o uso de conjunção comparativa: carros recém- lançados *vs* as carroças/ os fogos de artifícios(industrializados)*vs* bandeirolas.

Figura 3 – Dinamicidade da preposição **desde** associada à **até**



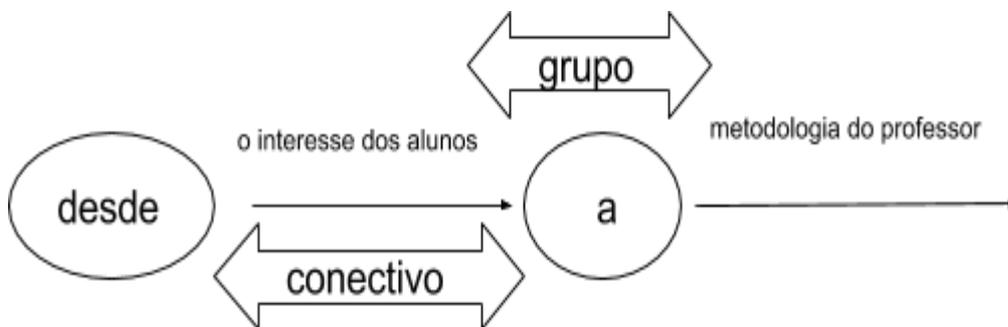
Fonte: Elaborado pela autora.

O esquema acima retrata a noção de inferioridade, comparando dois tipos de transportes, o carro e a carroça. Note que há sempre a persistência do movimento de afastamento de um ponto a outro, como uma relação hierárquica, o elemento mais caro, num patamar superior e com a ênfase de ser mais “recém lançado”, vai se afastando do elemento

economicamente mais inferior, na base da gravura (3) com o auxílio da preposição **desde** (ponto inicial) e **até** (ponto final). Se verificarmos, as análises canônicas no uso de **desde... até** referem-se apenas a função temporal, como “desde a Páscoa até as festas juninas”.

De forma semelhante, o agrupamento das preposições **desde... a** mantém a função nocional e a ideia de movimento de afastamento. Entretanto, indica dois grupos que têm o mesmo patamar (conforme figura 4) e não se misturam, por apresentarem características distintas, sendo que a forma **desde...a** serve como conectivo:

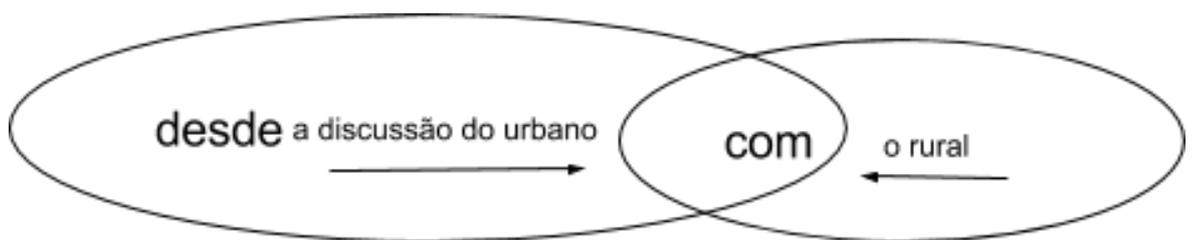
Figura 4 – Dinamicidade da preposição **desde** associada a a



Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 5 (abaixo), demonstra a estrutura **desde... com** para suprir a necessidade do movimento, em que o informante utiliza como recurso estilístico para indicar um afastamento dos tipos de discussão:

Figura 5 – Dinamicidade da preposição **desde** associada a **com**



Fonte: Elaborado pela autora.

A preposição *com* dá o sentido de concomitância, de duas realidades que são produzidas ao mesmo tempo, por outro lado, a preposição **desde** indica que são realidades distantes (urbano e rural), reforçando o sentido de tempo. Mesmo com essa forma não-prototípica, a função exercida é temporal.

5.3 Comparação desde / desde de

Castilho (2012, p. 588-590) já havia pontuado a existência de preposições que denomina de complexas, preposições que passam a reger novas funções. A variedade do **desde** (**desde de**), assim como outras preposições complexas apresentam, a exemplo de: “andar *por entre* as árvores” ou “andar *de a pé*”, tais estruturas são explicadas pela Linguística Cognitiva. O falante opta pela inclusão da preposição **de**, visto que é mais dinâmica e indica especificidades que a preposição **desde** sozinha não daria conta, sempre com a ideia de focar (intensificar).

Reiteramos a hipótese de que a forma **desde de** é inovadora, considerando a gênese da formação de **desde** (de+ex>des +de>**desde** + de>**desde de**).

Foram encontradas 91 ocorrências da preposição **desde** e de sua variante **desde de**, nos dois *corpora* na seguinte proporção como demonstra a tabela seguinte:

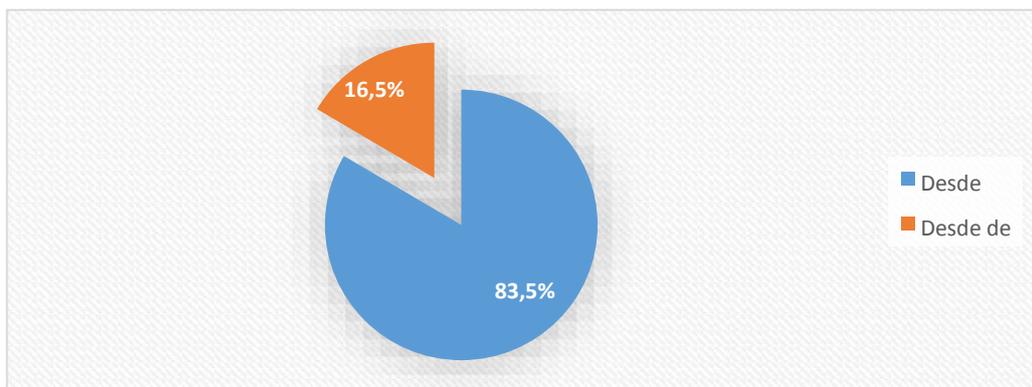
Tabela 1 – Ocorrências do **desde** e **desde de** no Português Popular e Culto

Preposição	Ocorrências	Percentual
Desde	76/91	83,5%
Desde de	15/91	16,5%

Fonte: Elaborado pela autora.

Em forma de gráfico, a representação dos dados da tabela torna melhor a compreensão:

Gráfico 3 – Divisão **desde** e **desde de** nos corpora PPVC e PCVC



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme o gráfico 3 e a tabela 1, o total de 91 ocorrências das estruturas com **desde** e **desde de**, temos um número expressivo de ocorrências com a forma **desde de** (16,5%). Sendo

que, **desde de** não é uma estrutura canônica, e portanto, se contrapõe a nossa hipótese de que tal estrutura é usada apenas pelos falantes do Português Popular. Assim apresentamos, algumas dessas ocorrências:

(13) que eu conheço **desde de** muito tempo então com a qual eu estou acostumado (HFDS, 36 anos, PCVC, M).

(14) Eu **desde da** minha infância que eu tinha em mente que eu queria sê um advogado ou um delegado (DAO, 51 anos, PCVC, M).

(15) Quéfazê direito, o sonho dele é direito, **desde de** pequenininho (ESP, 40 anos, PPVC, F).

(16) ela falava assim quero ser aeromoça... aeromoça, **desde de** pequenininha(ESP, 40 anos, PPVC, F).

(17) Só trabalhando direto, **desde de** cinco anos de idade que eu trabalho (JCS, 41 anos, PPVC, M).

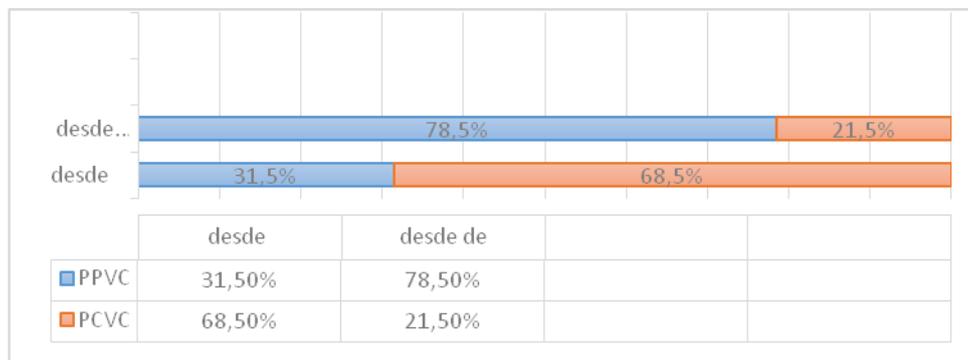
(18) Eu **derde do** ano passado eu mesmo era para concluir... tem um tio meu lá que mora há mais de trinta anos lá (WOS, 41 anos, PPVC, M).

(19) mas que já acostumou lá, né, **desde de** mais cedo (WOS, 41 anos, PPVC, M).

(20) Eu cheguei já... eu trabalho de barbeiro desde... **desde de** idade de dezesseis anos (EFO, 72 anos, PPVC M).

(21) Eu sou doméstica; **desde dos** oito anos que eu sou doméstica com o maior orgulho (MJPS, 40 anos, PPVC F).

Gráfico 4 – Comparação **desde e **desde de** nos *corpora* PPVC e PCVC**



Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo os dados do gráfico 4 e a apresentação das ocorrências (13 a 21), a estruturadesde de ocorre também no Português Culto. Sendo que, pelo que vimos na seção 3, hipotetizamos que os mais escolarizados dominem a forma canônica, porém notamos no *corpus* do Português Culto que eles também se apropriam da forma mais inovadora. Mas, ao

isolarmos as ocorrências na comparação entre as duas estruturas, segundo o gráfico 4, percebemos que no Português Popular temos uma frequência maior de **desde de** (78,5%) do que o Português Culto em relação ao uso da preposição **desde** (68,5%).

5.3.1 Estruturas constituintes em *desde de* vs *desde*

A forma **desde de** mantém todas as estruturas de constituintes, que coletamos em **desde**, observe a tabela 2:

Tabela 2 – Estruturas do constituinte no PPVC e PCVC

	Desde	Desde de
Determinante + Numeral	10/76	2/15
Determinante + Substantivo	9/76	1/15
Numeral	6/76	1/15
Substantivo	11/76	3/15
Adjetivo	28/76	3/15
Determinante + Pronome	3/76	1/15
Advérbio	5/76	3/15
Pronome	4/76	1/15

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela 2 mostra que não existe uma regra para indicar a forma constituinte em **desde de**, assim como **desde** que apresenta todas as formas acima. Pelos dados constatamos que as formas de uso mais produtivas são **desde de + substantivo** e **desde de + adjetivo**, assim como a forma correlata. Mas temos uma diferença muito grande de valores em relação à forma **desde de + advérbio**, que corresponde a 20% (3/15) com a forma **desde + advérbio**, que corresponde ao percentual de 6,6%.

Quando a forma apresenta determinante notamos a presença de concordância em gênero e número, sendo a preposição **de** sujeita ao processo de aglutinação do artigo. O uso prototípico da concordância também cabe na nova forma, os elementos mórficos da preposição de não foram perdidos. Podemos perceber o uso da concordância de número e gênero pelos exemplos abaixo:

(22) Eu **desde da** minha infância (DAO, 51 anos, PCVC, M).

(23) **desde dos** oito anos que eu sou doméstica com o maior orgulho (MJPS, 40 anos, PPVC F).

5.3.2 Funções em *desde* e *desde de*

No tocante às funções, **desde** apresenta três: função temporal, espacial e nocional. Na forma **desde de**, como se trata de uma especificação, não aceita outra função a não ser a temporal. Portanto, temos os seguintes resultados nos *corpora* analisados:

Tabela 3 – Comparação **desde** e **desde de** referente à função no PPVC e PCVC

	Desde	Percentual	Desde de	Percentual
Tempo	70/76	92%	15/15	100%
Espaço	3/76	4%	0/15	0 %
Noção	3/76	4%	0/15	0 %

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo a tabela 3, em comparação a **desde de**, a preposição **desde** tem 100% das ocorrências com as noções de espaço e noção. Mas, na função temporal da preposição **desdede**, os números correspondem aos apresentados anteriormente na tabela 1. Assim temos nos *corpora* os seguintes exemplos:

TEMPO

(24) Eu **desde da** minha infância que eu tinha em mente que eu queria sê um advogado ou um delegado (DAO, 51 anos, PCVC, M).

(25) Só trabalhando direto, **desde de** cinco anos de idade que eu trabalho (JCS, 41 anos, PPVC, M).

(26) **desde de** meu menino até da pequenininha (ESP, 40 anos, PPVC, F).

ESPAÇO

(27) já começou **desde casa** mesmo, dentro de casa já era assim ... (CMN, PCVC, M).

NOÇÃO

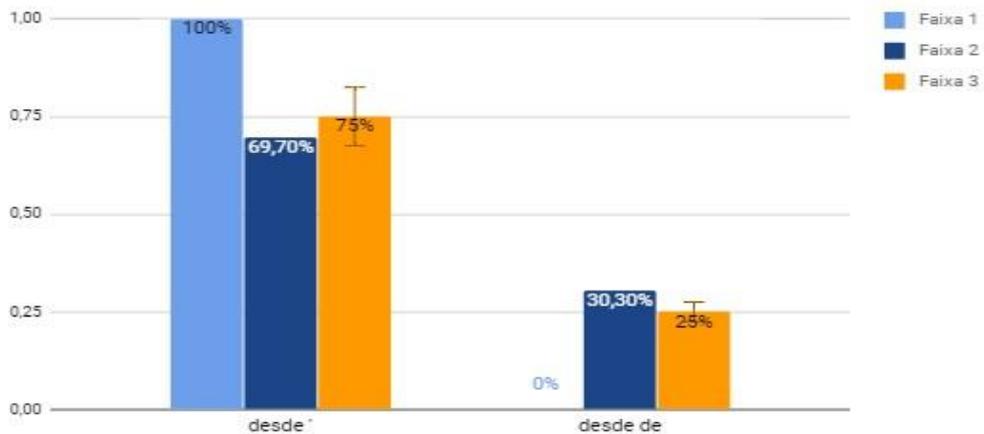
(28) eu observo muito a fotografia também se eu vejo uma série com uma fotografia legal, uma história legal, **desde que** a história seja interessante... (PUGB, 20 anos, PCVC, M).

Veja que no exemplo (26) há a estrutura **desde de...até**, que na forma **desde...até**, conforme a figura 3, indica um comparativo, portanto, função nocional. Em **desde de...até**, nota-se que também é uma comparação, mas de dois momentos no tempo: o primeiro, representado pelo menino, e o segundo momento, representado pela menina, que provavelmente é menor, pois a mãe emprega o diminutivo, ou seja, mesmo nesta estrutura **desde de** apresenta função temporal.

5.3.3 Desde de vs desde em relação à faixa etária

Todas as ocorrências de **desde de** foram registradas faixa etária II ou III, o que não contempla a nossa hipótese de que os jovens se apropriariam mais dessa forma. Observe o gráfico a seguir:

Gráfico 5 – Desde e desde de segundo faixa etária no PPVC e PCVC



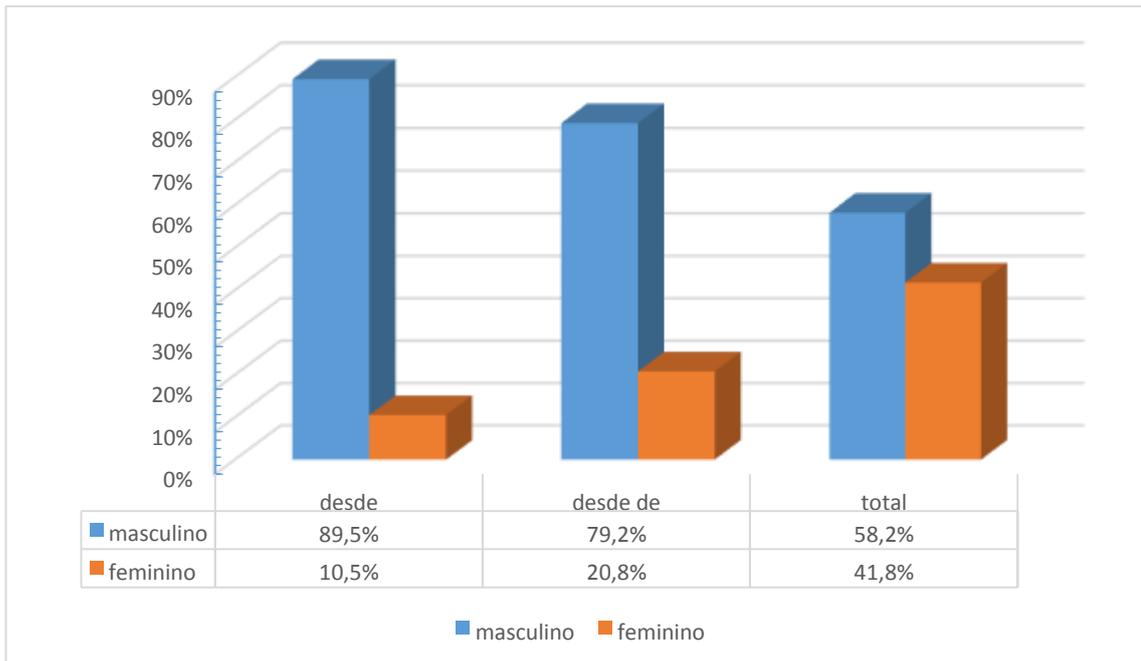
Fonte: Elaborado pela autora.

Em sua totalidade, a forma **desde** (canônica) é preferível pelos jovens (100%), portanto, houve um período de produção da forma **desde de**, por ser preferível pelos adultos e idosos, porém esta forma não é produtiva na faixa 1.

5.3.4 Desde de vs desde em relação ao sexo

Segundo a teoria laboviana, as mulheres tendem a preservar a forma canônica, visto que, geralmente, seu estilo de vida é mais reservado¹². Os homens, por sua vez, tendem a utilizar as formas não-canônicas e, portanto, são os que realizam **desde de**. Pela nossa análise, constatamos justamente isto: os homens são os que mais usam **desde de** no lugar da preposição **desde**. Observemos o gráfico que segue:

¹² No Corpus do Português Popular de Vitória da Conquista, por exemplo, a maioria das mulheres são donas de casa e não exercem atividades extradomiciliares.

Gráfico 6 – Desde e desde de em relação ao sexo no PPVC e PCVC

Fonte: Elaborado pela autora.

Os falantes de Vitória da Conquista, do sexo masculino (58,2%), usaram as preposições estudadas. Mais notável é quando dividimos o percentual geral, onde temos 89,5% usando a preposição **desde**, contrastando com as mulheres que representam apenas 10,5% das ocorrências. Se compararmos ao uso de **desde de**, as mulheres tendem a realizar mais do que a forma prototípica (20,8%).

Ao compararmos com os dados apresentados na subseção anterior, podemos concluir que apenas os homens da faixa etária II (35 A 70 anos) representam esses dados, uma vez que não foi encontrada nenhuma ocorrência entre os homens da faixa I e III.

5.4 Análise dos processos fonológicos

No *corpus* do Português Popular, encontramos duas variantes para a preposição **desde**: uma delas é **derde**, na qual sofreu um processo de rotização, em que troca um S fricativo pós-vocálica de realização palatal *de[ʃ]* por um R pós-vocálica fricativo velar.

[ɹ], no caso de Vitória da Conquista *de[ɹ]de*, como no exemplo (29):

(29) E as pessoa... o menino trabalhando **derde** criança, que nem eu trabalhei e meus filho... gente só é gente trabalhando (ARA, 76 anos, PPVC, M).

Pode-se justificar tal mudança pelo processo de debucalização, perda do traço [+anterior], cancelando os traços realizados na cavidade oral.

Na realização em Vitória da Conquista, destaca-se o roticismo e uma epêntese. Encontramos no *corpus* **dernde**, que é um processo não-etimológico, e que, provavelmente, por uma questão de acomodação articulatória, pode ser realizável, visto que no Português não encontramos vocábulos que tenham três consoantes seguidas:

(28) “Conheço bastante pessoas que trabalhou **dernde cedo**” (ARA, 76 anos, PPVC, M).

Há na língua portuguesas palavras tais como: perspectiva e transporte, que apresentam três consoantes, porém, que se agrupam em sílabas distintas, característico de umacoda ramificado.

Outro processo observado no Português Popular é a aglutinação entre a preposição **desde** e o pronome de 1ª pessoa eu (**desde** eu <**desdeu**).

(30)então meu dom sempre foi esse, **desdeu pequena** que meu dom era ajuda (MCAO, 75 anos, PPVC, F).

Reportamos à primeira seção, onde no processo de mudança linguística coube as formas *desque* e *desdo*, ou **desde dos e desde da** (exemplo 21 e 24, nesta seção). Mais uma vez, ressaltamos que tal flexibilidade é possível devido à inserção da preposição *de*, na construção de **desde**.

Mediante ao que foi explanado nesta seção, fica claro que **desde** apresenta estrutura constituinte de 12 formas distintas no Português Popular e Culto de Vitória da Conquista, sendo que algumas formas são locuções adverbiais e conjuntivas. Apesar de tal gama, a preposição **desde** induz o vocábulo conseqüente a aderir um caráter substantivado, a exemplo dos pronomes e advérbios. A forma **desde de** é aceitável, realizável no Português Culto e Popular, porque, no uso algumas preposições regem outras preposições, com o sentido de especificação, conforme os estudos de Castilho (2012).

Desde tem a função temporal e pelos dados quase não vemos o uso da função espacial. Outra função produtiva é a nocional, que indica sentido metafórico de afastamento. Contudo a forma **desde de** desempenha a função temporal.

Em relação aos aspectos extralinguísticos, a preposição **desde de** é realizada na faixa etária II e III; não há nenhuma ocorrência da faixa etária I, concluímos, segundo a teoria laboviana, que constitui uma inovação, por se distinguir da forma prototípica e apresentar produtividade. Os homens realizam mais as preposições **desde** e **desde de**, as mulheres preferem mais **desde de** do que a forma canônica. Por fim, encontramos no *corpus* do Português Popular algumas variantes que sofreram processos fonológicos que caracterizam esse falar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preposição **desde** se distingue da maioria das preposições por ser um fruto da mudança linguística, exclusiva na Ibéria. Mas, antes de ocorrer tal mudança, houve a variação que corresponde às formas **desque, desdo, des que**. Heine (2004) realiza um estudo semelhante ao proposto nesta dissertação, entretanto, refere-se às preposições **de** e **des/desde** em textos dos séculos XIV e XVI. A autora elenca as formas: **des aqui, des ali, desd'a, desi, desaquella**, comprovando a variedade até a consolidação da mudança.

No processo de construção da preposição e dos seus sentidos, conforme vimos, podemos resolver os problemas da mudança linguística e aplicar os princípios de Hopper (1993). Entre os princípios, conseguimos aplicar todos neste estudo: a estratificação, divergência, persistência, decategorização e, com o surgimento de **desde de**, a especialização. O processo de gramaticalização, em que se ampliou, também, o sentido. Originalmente indicava uma função espacial menos usada na análise do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista, e aderiu a função temporal, que é a mais utilizada, e, por fim, surgiu a função nocional, na qual envolve processos de gradação no texto, num uso metafórico de movimento de afastamento.

Com a finalidade de compreender as variadas formações da preposição **desde**, foram selecionadas nos *corpora* todas as ocorrências e divididas as estruturas do constituinte, a saber: **desde+substantivo, desde+adjetivo, desde+numeral**, precedidas ou não de **determinantes, desde+pronome** e **desde+advérbio** e as formas compostas: **desde+que, desde+quando, desde+já** e **desde+de**, sendo que há uma gama de outras locuções, mas não são produtivas nestes *corpora* de Vitória da Conquista (PPVC e PCVC).

Como vimos em nossa análise, a forma **desde de** é uma variante de **desde** e muito produtiva nos *corpora*. Esta forma, **desde de**, não é canônica, não se encontra em nenhum dicionário, é interessante notar que é uma nova combinação semelhante ao que ocorreu com a forma românica. Também foi verificada no *corpus* do Projeto NURC em Salvador- Bahia. Sendo **desde de** uma variante de **desde** será que desencadeará mudanças futuras? Tal questão, poderá ser respondida em estudos posteriores.

Como analisamos, os jovens falantes conquistenses não se apropriam da forma **desde de**. A preposição **de** indica um reforço pleonástico, referente ao processo de gramaticalização sofrido.

Também, vimos que as mulheres não utilizam em maior frequência do que os informantes do sexo masculino. Podemos supor que, a preposição **dsde**, talvez, esteja sendo

substituída pela preposição **de**, por ser também uma preposição de ação mais gramaticalizada (o que caberá a futuros estudos).

Por fim, os processos fonológicos caracterizam o falar popular na Língua Portuguesa, no caso do **desde**, as formas de aglutinação, como acontece em **desdeu** e a debucalização justifica o uso de formas, tal como **derde**. Além das ocorrências onde há flexão de gênero e número: **desda**, **desde dos**.

O estudo pancrônico do uso de preposições ainda é um tema pouco trabalhado. Esperamos que este estudo auxilie futuras análises sobre as preposições e contribua com a delimitação do mapa linguístico do Português Culto e Popular de Vitória da Conquista.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **O dialeto caipira**: Gramática, vocabulário. 3. ed. Brasília: Hucitec, 1930.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. **Gramática de Port-Royal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAGNO, M. **A Norma Oculta**: Língua e poder na sociedade brasileira. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V.; REZENDE, T. F. **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BASÍLIO, M. Estudo da morfologia no português falado: condições de produtividade e condições de produção. In: CASTILHO, A. **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v. 3.
- BASSETO, B. F. **História Externa das línguas românicas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. v. 1.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BLUTEAU, R. **Vocabulario Portuguez e latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. v. 3.
- BOLINGER, B. **Meaning and Form**. London: Longman, 1977.
- BOURDIEU, P. **Autoanálises de um sociólogo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.
- CÂMARA JR. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008[1970].
- CAMARA JR. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Editora Vozes, 1992.
- CARNEIRO, N. **Lições de Português**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CASTILHO, A. T. Some representations of MOTION in EP and BP standards. In: SILVA, A. S.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Orgs.). **Línguas pluricêntricas**. Variação linguística e dimensões sociocognitivas. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Braga, 2011.
- CASTILHO, A. T.; ILARI, R.; NEVES, M. H. M. **Gramática do Português culto falado**. Volume 2. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Pensilvânia: Mouton & Co., 1957.

- COELHO, I. L. et al. (Org.). **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2015.
- COLOMBAT, B.; FOUNIER, J-M.; PUECHE, C. **Uma História das ideias linguísticas**. Tradução: Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. São Paulo: Editora Contexto, 2017.
- CORAMINAS, J. **Breve Dicionario Etimologico de La Lengua Castelhana**. 3. ed. 4. reimpressão. Madrid: Editora Gredos, 1987.
- CRYSTAL, D. **A Linguística**. Lisboa: Editora Dom Quixote, 1977.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP e A, 2003.
- DAUZAT, A. **Dictionnaire Etymologique de la langue française**. Paris: Larousse, 1938.
- DIK, C. S. **Functional grammar**. Cinnaminson - USA: Foris, 1978.
- FARIA, E. **Vocabulário latino-português**. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2001. v. 8.
- FERNANDES, M. **Concordância nominal na região sul**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- FERRAREZI JR, C.; TELES, I. M. **Gramática do Brasileiro: uma nova forma de entender a nossa língua**. São Paulo: Globo, 2008.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FREIRE, S. J. A. **Gramática Latina**. Porto: Livraria Apostolado, 1956.
- FREITAS, H. R. **Princípios de Morfologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1981. Coleção Linguagem. v. 8.
- GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GUIMARÃES, M. A. S.; SILVA, J. A. A. Comunidade de fala do Vernáculo Conquistense: Concordância nominal de número. In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 11, 2015, Vitória da Conquista. **Anais...** Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/5128/4915>>. Acesso em: 9 nov. 2017.
- HEGENBERG, L. **Etapas da investigação científica**. São Paulo: EDUSP, 1976.
- HEINE, A. E. F. P. A preposição de e des/desde. In.: PEREIRA, T. L. G. **Linguística e Literatura: ensaios**. Salvador: Quarteto, 2004.

- HEINE, B.; TRAUGOTT, E. (org.). **Approaches to Grammaticalization**. Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35. v. 1.
- HOPPER, P. J. **On some Principles of Gramaticization**. Pittsburgh, Pensilvânia: Carnegie Mellon University, 1991.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Gramaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HYMES, D. **Foundations in Sociolinguistics: An ethnographic approach**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.
- ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Editora Moderna, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**. 2010.
- LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1972].
- LEITE, Y.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- LIMA, C. H. R. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Olympio, 2003.
- LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da língua moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MACAMBIRA, J. R. **Estrutura Morfo-Sintática do Português**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- MACHADO, J. P. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967.
- MADVIG, J. N. **Gramática Latina**. Rio: Livraria Teixeira, 1942.
- MAIA, C. A. **História do Galego-Português**. Fundação Calouste Gulbenkian: reimpressão da edição do INIC, 1986.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

- MARTELOTTA, M. E. Unidirecionalidade na gramatização. In: VITRAL, L.; COELHO S. (Orgs). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologia e aplicações**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. T. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.
- MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. 2. ed. rev.. Madrid: Editorial Gredos, 1969.
- MARTINS, L. F. **A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional**. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- MARTINS, R. **Para entender a linguística**. São Paulo: Parábola, 2003.
- MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 2. ed. revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 63. ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho, 2003. Capítulos 22, 23 e 24.
- MATTOS E SILVA, R. V. A mudança linguística em perspectiva sócio-histórica ou extralinguística no funcionalismo: sobre o Sóciofuncionalismo. In: MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Honoré Champion, 1948. 1. ed de 1912.
- MEIRA, G. A. **Estudo comparativo entre as normas popular e culta do português de Vitória da Conquista: concordância nominal de número**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA, 2016.
- MELO, G. C. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1971.
- MEYER-LUBKE, W. **Introducción Al Estudio de La Linguística Romance**. Tradução Américo Castro. Toronto: HandboundattheUniversityof Toronto Press, 1926.
- MOLLICA, M. C. **Fala, Letramento e Inclusão Social**. São Paulo: Contexto. 2007.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- NASCENTES, A. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete**. 3. ed. Lisboa: Editora Delta, 1974. v. 5.
- NEVES, M. H. M. **A Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. A modalidade: um estudo de base funcionalista na língua portuguesa. **Revista portuguesa de filologia**, v. XXIII, p. 97-123, 2001.

NUNES, J. J. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.

OLIVEIRA, M. R.; VOTRE, S. J. A trajetória das concepções de discurso e de gramática na perspectiva funcionalista. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 97-114, 2009.

PEREIRA, T. L. **A Mudança Linguística**. Linguística e Literatura: ensaios. Salvador: Quarteto, 2004.

PRETI, D. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

RAVIZZA, P. J. **Gramática Latina**. 9. ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, 1940.

RIBEIRO, J. **Grammatica Portugueza: 3º ano**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Alves e C., 1889.

RIBEIRO, M. A. **O verdadeiro Imparcial dos sucessos da Ilha Terceira desde 11 de maio de 1817, até 15 de maio de 1821**. Lisboa: Impressão de J.B Morando, 1821.

RIEMANN, P. O. **Syntaxe Latine**. 7. ed. Paris: Librairie C. Klincksilck, 1942.

ROSÁRIO, I. C. **Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

ROSÁRIO, I. C. Gramaticalização: uma visão teórico-epistemológica. **Palimpsesto**, n. 11, Ano 9, 2010.

RUBIO, L. **Introducción a La Sintaxis Estructural Del Latin VII**. México: Editorial Ariel, 1976.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 5. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1965.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. Biblioteca Brasileira de Filologia. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. v. 19.

SÂNDALO, M. F. Morfologia. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à Linguística. **Domínios e fronteiras**, v. 1, Cortez Editora, 2001.

SANTOS, G. **O português afro-brasileiro de Helvécia-BA: análise da variável <S> em coda silábica**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística)–Universidade Federal da Bahia, 2012.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo lingüístico. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

SILVA, A. M. **Grande Dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Empresa Litteraria Fluminense, 1918. v. 1.

SILVA, J. A. A. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil**: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior da Bahia. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SILVA, J. J. D.; COSTA, C. P. G. Debucalização e Fonologia autosegmental. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 627-651, 2014.

SILVA-CORVALAN, C. The limits of convergence in language contact. **Journal of Language contact** (Thema 2), p. 213-224, 2008.

SOUZA, M. O. P. A Fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira. **Revista ProLíngua**, v. 2, n.1, p. 33-43, jan./jun. 2009.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sóciolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

VIEIRA, M. J. B. Variação das preposições em verbos de movimento. **SIGNUM: Est. Ling.**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 423-445, jul. 2009.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática de Língua Portuguesa**: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto. Coimbra: Coimbra, 2001.

WEINREICH, U. et al. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Cap. 3. p. 87-125.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.